

Próximo Next Futuro Future



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Nº 13

JUNHO / JULHO

JUNE / JULY

2013

Programador geral / Chief curator
António Pinto Ribeiro

Assistente de programação / Curatorial assistant
Lúcia Marques

Assistentes de produção / Production assistants
Elisa Santos, Henrique Figueiredo

Estagiárias / Interns
Daniela Oliveira, Rita Coxé

Colaboração / Collaboration
Fundação Calouste Gulbenkian – Delegação em França
Calouste Gulbenkian Foundation – French Delegation
(**diretor** / director: João Caraça)
Museu Calouste Gulbenkian / Calouste Gulbenkian Museum
(**diretor** / director: João Castel-Branco)
Serviços Centrais / Central Departments
(**diretor** / director: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação / Communication Department
(**diretora** / director: Elisabete Caramelo)

Design gráfico / Graphic design
Arne Kaiser

Apoio à comunicação / Communication support
Mónica Braz Teixeira

Revisão / Proof reading
Teresa Meira

Traduções / Translations
Clive Thoms, James Kirkby, John Elliott, Manuel Chaves

Website
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

Colaborador / Collaborator (Website/Blog/FB/Twitter)
Elisa Santos, Lúcia Marques

Exposições / Exhibitions:
9º **Encontros de Fotografia de Bamako** / 9th Bamako Photography Encounters
Curadoria / Curator
Laura Serani, Michket Krifa

Present Tense
Curadoria / Curator
António Pinto Ribeiro

Assistente de produção / Production assistant
Elisa Santos

Projeto museográfico e coordenação de montagem / Museum project and assembly coordination
Mariano Piçarra, em **colaboração com** / in collaboration with Rita Albergaria

Agradecimentos / Acknowledgments
Federica Angeluci, Kabelo Malatsie, Jorge Martins Lopes, Miguel Magalhães

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
AV. DE BERNAL 45A, 1067-001 Lisboa

proximofuturo@gulbenkian.pt
tel. (+351) 217 823 529
www.proximofuturo.gulbenkian.pt

capa / cover: foto de / photo by Conrad Botes
"The Temptation to Exist V", 2011, acrílico sobre tela / acrylic on canvas, 200 x 120 cm
Cortesia do artista e da galeria Stevenson, Cidade do Cabo e Joanesburgo / Courtesy of the artist and Stevenson Gallery, Cape Town and Johannesburg

3 A SUL DE ÁFRICA SOUTHERN AFRICA

Isabel Mota

4 LAMENTO DIZER-VOS, MAS SOMOS TODOS AFRICANOS I'M SORRY TO TELL YOU THIS, BUT WE'RE ALL AFRICANS

António Pinto Ribeiro

6 A LONGA PRIMAVERA AFRICANA THE LONG AFRICAN SPRING

Elisabete Azevedo-Harman

PROGRAMAÇÃO / PROGRAMME

12 ARTE PÚBLICA / PUBLIC ART

15 FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO DO SUL DA ÁFRICA FESTIVAL OF LITERATURE AND THOUGHT OF SOUTH OF AFRICA

20 EXPOSIÇÃO / EXHIBITION 9ª EDIÇÃO DOS ENCONTROS DE FOTOGRAFIA DE BAMAKO 9th EDITION OF THE BAMAKO PHOTOGRAPHY ENCOUNTERS

21 EXPOSIÇÃO / EXHIBITION PRESENT TENSE

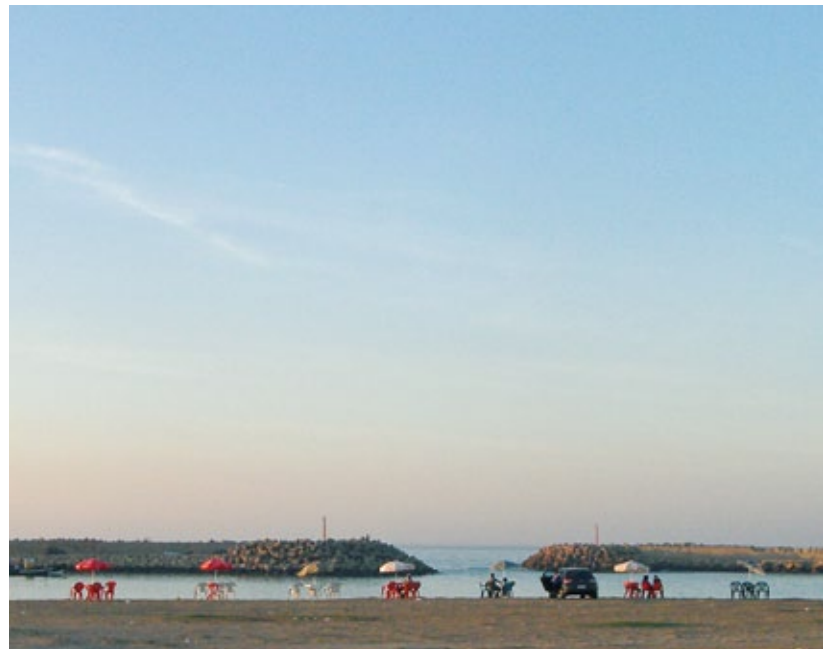
22 BAILE NA GARAGEM / GARAGE BALL

23 CINEMATECA PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE CINEMATHEQUE

28 ESPETÁCULOS / LIVE PERFORMANCES

36 BIOGRAFIAS / BIOGRAPHIES

A SUL DE ÁFRICA



© Jorge Lopes

A relação da Europa com África teve muitas vezes representações pouco claras. Para não falar no período colonial e se nos centrarmos apenas nas últimas décadas, confrontamo-nos com formas de representação de África baseadas em *clichés* e em erros de perceção dos quais eram mais recorrentes: a ideia de que o continente africano era homogéneo, como se tratasse de um único país, a ideia de que a relação só poderia ser uma relação de dependência e assente na expropriação de recursos naturais e a ideia de que era um continente condenado. Ainda que hoje alguns destes *clichés* tenham desaparecido, não quer dizer que tenhamos uma relação mais igual com este continente. As imagens da pobreza e da decadência foram substituídas por outras, tão cheias de equívocos como as anteriores, só que, agora, representando uma riqueza e uma prosperidade sem par numa espécie de *el dorado* do séc. XXI. Também face a estas representações, é preciso ter um sentido crítico e, para tanto, fazer dois tipos de operações intelectuais: uma primeira diz respeito ao estudo de

relatórios credíveis e fundamentados sobre as mutações sociais, políticas, económicas e culturais, que atingiram, de diversas formas, a diversidade dos países do continente africano como o esclarece bem, por exemplo, o relatório African Futures 2015, cuja leitura se recomenda pelo rigor e qualidade técnica; a outra, e que constitui uma metodologia com ambições programáticas, é ouvir e ver o que dizem alguns dos protagonistas das múltiplas cenas africanas, mormente dos países da África Austral que têm, na edição deste ano do Próximo Futuro, uma presença e uma visibilidade que é mais do que nunca justificada, dada a importância que estes países, a sua sociedade civil, os seus intelectuais e os seus artistas têm no atual contexto internacional. E, curiosamente, num momento em que a Europa enfrenta uma crise profunda e parece perder a sua aura de continente infalível, alguns dos países desta região de África parecem emergir com uma vitalidade ímpar. Até onde isto é verdade ou apenas mais um equívoco de representação?

SOUTH- ERN AFRICA

ISABEL MOTA

The relationship between Europe and Africa has frequently been afforded some rather unclear representations. Overlooking the colonial period and just focusing our attention, for the moment, on the last few decades, we find ourselves confronted with ways of representing Africa that were based on clichés and misperceptions. The most common of these were: the idea that the African continent was homogeneous, as if it were just one single country; the idea that the relationship could only be a relationship of dependence based on the expropriation of natural resources; and the idea that Africa was a doomed continent. Even though some of these clichés have now disappeared, this does not mean that today we enjoy a more egalitarian relationship with this continent. The images of poverty and decadence have been replaced by others that are just as misguided as the previous ones, only now these depict an unrivalled wealth and prosperity that appears as a kind of 21st century *Eldorado*. We also need to adopt a critical stance towards these representations, and to do this we should engage in two types of intellectual operations: the first relates to the study of well-grounded and credible reports about the social, political, economic and cultural changes that, in various ways, have affected the diversity of African countries (this is made very clear, for example, by the report entitled *African*

Futures 2015, whose great rigour and technical quality make this highly recommended reading); the other, which is based on a methodology with programmatic ambitions, involves listening to and watching what is being said by some of the leading figures from a whole host of African scenes, especially in the countries of Southern Africa. In this year's edition of Next Future, it is this latter region that has been afforded a presence and a visibility that are more justified than ever before, given the importance that these countries, their civil society, their intellectuals and their artists all enjoy in the current international context. And, curiously, at a time when Europe appears to be facing a profound crisis and to be losing its aura of an infallible continent, some of the countries in this region of Africa seem to be emerging with an incomparable vitality. To what extent is this really true, or is it simply yet one more misrepresentation?

Parceiros / Partners

Teatro
do BairroSÃO
LUIZ
Teatro Municipal

EGEAC

FONDATION CALOUSTE GULBENKIAN
Délégation en France

Patrocinadores / Sponsors

Caixa Geral
de Depósitos

LAMENTO DIZER-VOS, MAS SOMOS TODOS AFRICANOS

I'M SORRY TO TELL YOU THIS, BUT WE'RE ALL AFRICANS

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

“Lamento dizer-vos, mas somos todos africanos”, assim iniciava o bispo sul-africano e Prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, a sua intervenção no ano passado, nesta Fundação, a propósito do tema da paz no mundo e do desenvolvimento sustentável. Apesar de o sabermos cientificamente e, pelo menos, desde que o esqueleto da Lucy foi encontrado na região de Hadar, na Etiópia, esta afirmação, assim, crua, a iniciar uma conferência, seguida de uma longa pausa de silêncio, produz uma suspensão do modo habitual e rotineiro com que nós, os europeus, ainda que cultos, ainda que informados, pensamos a nossa arqueologia de sermos. Afinal, durante décadas a enunciar a humanidade, era enunciação só a partir da criação da História e de uns breves 4.500 anos a.C.. E, de seguida, passámos a exaltar a glória da humanidade a partir desse milagre que foi o nascimento da cultura ocidental no mediterrâneo, região que, afinal, era já uma propriedade europeia. E eis que alguém nos vem repetir que a história da humanidade, do ser humano, o seu antepassado mais longínquo, aparece em África e foi de África que povoou o resto do mundo. A estranheza vem do facto de ter sido África sempre representada como um continente desprovido de humanidade, primeiro, porque era só natureza, como dizia Hegel, e, depois, porque era sem potência civilizacional

e de tal forma que são necessárias ações e organizações humanitárias para lhe devolverem algo que parece que nunca teve, a própria humanidade. É falso, sabemos, se tivermos estudado o seu período pré-colonial, antes de uma lobotomização generalista feita pelo colonialismo e continuada, muitas vezes, por outras formas de neocolonialismo, durante os períodos imediatos a muitas independências, há pouco mais de três décadas. Num texto de 2005, “How to write about Africa”, texto que já foi traduzido em mais de trinta línguas, o escritor Binyavanga Wainaina¹, num fino humor, listava todos os lugares-comuns, preconceitos e *clichés* que, genericamente, se utilizam para escrever sobre África na sua totalidade como em aspetos parcelares e tanto mais quanto são as formas neocoloniais de abordar aspetos deste continente. Uma passagem do texto é ilustrativa da quantidade de narrativas que, pretendendo dar visibilidade a África, não fazem senão contribuir para um distanciamento cultural «Ao longo do livro, empregue *sotto voce*, em cumplicidade com o leitor, e um tom triste de quem viu as suas expectativas goradas. Deixe desde logo claro que o seu liberalismo é impecável, e mencione pouco depois do início o quanto ama África, como se apaixonou por ela e como não pode passar sem ela. África é o único continente

“I’m sorry to tell you this, but we’re all Africans.” These were the words that the South African bishop and winner of the Nobel Peace Prize, Desmond Tutu, chose to begin the speech that he made last year at this Foundation on the subject of world peace and sustainable development. Although we know this to be true scientifically, at least since the skeleton of Lucy was found in the Hadar region of Ethiopia, this blunt statement, proffered at the beginning of a conference, followed by a long silent pause, causes us to suspend the customary routine way in which we Europeans (regardless of however educated and informed we may be) have tended to think about our archaeology of being. For many decades, we talked about humanity as beginning only with the creation of History merely 4 500 years before the Christian Era, and then we immediately began to exalt the glory of humanity based on this miracle which was the birth of western culture in the Mediterranean area, a region that was, after all, already European property. And now suddenly someone comes along and tells us that the history of humanity, of humankind, our most remote ancestor, has appeared in Africa, and that it was from Africa that the rest of the world

was populated. What is odd about this is the fact that Africa has always been represented as a continent devoid of humanity, firstly because it was just nature, as Hegel used to say, and secondly because it had no civilising potential and required humanitarian aid and organisations in order to give it back something that it seems never to have had in the first place: humanity itself. This idea is a false one, as we know if we have ever studied Africa’s pre-colonial period, in the time before the general lobotomy that was performed by colonialism and frequently continued by other forms of neo-colonialism, during the periods immediately following the granting of many independences, little over three decades ago. In his 2005 text, “How to write about Africa”, which has already been translated into over thirty languages, the writer Binyavanga Wainaina¹, in a fine display of humour, listed all the commonplaces, prejudices and clichés that are generally used to write about Africa both as a whole and in its different parts, and consisting of as many different forms as there are separate neo-colonial approaches to aspects of this continent. A passage from the text illustrates the great range of narratives

que se pode amar – tire partido disso. Se for um homem, lance-se pelas mor-nas florestas virgens adentro. Se for uma mulher, trate África como um homem que veste roupa apropriada para a selva e que desaparece em direção ao pôr-do-sol. África deve inspirar piedade, ser venerada ou dominada. Qualquer que seja o ângulo a adotar, o importante é deixar a forte impressão de que, sem a sua intervenção ou o seu livro, África estará condenada». Mas rebatendo a ideia de exclusão ou de subalternidade de um continente, que é denunciada neste texto de Binyavanga Wainaina, está a afirmação inicial de Desmond Tutu da universalidade que é todo o género humano ainda que, frustrando a ideologia de alguns, radique nesta ideia de universalidade do género humano na criação do homem em África. Contudo, há que ter cautelas em não transformar aquela que foi, durante séculos, uma visão e ação sobre África, baseada na sua exploração de força de trabalho e de recursos, por parte do mundo-capital europeu e norte-americano e sustentada por uma tecnologia de exploração, numa visão de África paradisíaca, homogênea, mas agora de uma prosperidade invejável e uma

atlântida do séc. XXI. Mas nesta expressão de Desmond Tutu, neste frágil momento de renascimento que é esta curta frase – há algo que pode mudar a perceção, não só de África mas de perspetiva de futuro. E se, num exercício de cidadania universal e de humanismo – do pouco que ainda resta da esperança iluminista na racionalidade – recentrássemos a questão sobre o que pode ser um projeto humanista, um projeto a que lhe possamos chamar projeto Lucy.

1. O escritor Binyavanga Wainaina estará presente na Festa da Literatura e do Pensamento do sul da África, dia 22 de junho, na sessão dedicada à Literatura.

that, claiming to give visibility to Africa, do nothing more than contribute to this cultural distancing «Throughout the book, adopt a *sotto voce*, in conspiracy with the reader, and a sad I-expected-so-much tone. Establish early on that your liberalism is impeccable, and mention near the beginning how much you love Africa, how you fell in love with the place and can’t live without her. Africa is the only continent you can love – take advantage of this. If you are a man, thrust yourself into her warm virgin forests. If you are a woman, treat Africa as a man who wears a bush jacket and disappears off into the sunset. Africa is to be pitied, worshipped or dominated. Whichever angle you take, be sure to leave the strong impression that without your intervention and your important book, Africa is doomed». But, rejecting the idea of exclusion or of the subordination of a continent, which is denounced in this text by Binyavanga Wainaina, we have Desmond Tutu’s opening statement about the universality that consists of the whole humankind, even if, to the great ideological disappointment of some people, we find rooted in this idea of the universality of humankind the fact that man was first created in Africa. However, we

should take care not to transform what for many centuries was a vision and a way of behaving towards Africa (based on the exploitation of its labour force and resources by the European and North American world-capital and sustained by a technology of exploration) into a vision of a homogeneous, paradisiacal Africa, although now it is seen as a continent with an enviable prosperity and as a kind of 21st century Atlantis. But, in this expression of Desmond Tutu’s, in this fragile moment of rebirth that is contained in this short phrase – there is something that can change our perception, not only of Africa but of its future prospects. And what if, in an exercise of universal citizenship and humanism – the little that still remains from the enlightened hopes placed in rationality – we were to refocus the question and centre it upon a discussion of what a humanist project could be, a project that we might perhaps call the “Lucy Project”.

1 The writer Binyavanga Wainaina will be attending the Festival of Literature and Thought of Southern Africa on 22 June, taking part in the session dedicated to Literature.

© Calvin Dondo, “Frieburg”, série “New German Family”, 2010, Encontros de Bamako / Encounters of Bamako



A LONGA PRIMAVERA AFRICANA

THE LONG AFRICAN SPRING

ELISABETE AZEVEDO-HARMAN

Os acontecimentos políticos recentes em alguns países do Médio Oriente receberam, quase de imediato, o nome de “Primavera Árabe”. O nome permaneceu mesmo perante as dúvidas e o ceticismo acerca do que se estava / está a assistir e de qual o número de países incluídos na presumida Primavera. Pelo contrário, a liberalização política¹ que teve início em África, em 1989, nunca recebeu, por parte da imprensa, um nome tão generoso e otimista. Para as transformações políticas, sociais e económicas, a que África² tem assistido nas últimas décadas, escolheria o feliz título recentemente atribuído numa publicação pelo Wilson Center, “A longa Primavera de África”. Em África, a liberalização política teve a sua maior expressão no final da guerra fria e com vários regimes autoritários a caírem como um baralho de cartas. Vários países africanos realizaram, nos primeiros anos da década de 90, as suas primeiras eleições multipartidárias. Em toda a década de 80, África tinha realizado apenas 29 eleições (três presidenciais e 26 parlamentares). Na década de 90, este número aumentou cinco vezes, passando para 160 (74 presidenciais e 86 parlamentares)³. Em muitos países, o cartão de eleitor foi a primeira identificação que muitos cidadãos receberam do seu Estado. Quer às capitais, quer aos locais mais remotos, chegaram urnas, partidos, políticos, observadores nacionais e internacionais. Alguns ditadores transformaram-se em democratas, outros fingiram sê-lo e, outros ainda, não resistiram.

Muitos partidos únicos votaram constituições em que autorizavam outros partidos. Noutros países, foram organizadas conferências nacionais confusas e atribuladas, para desenhar e discutirem a transição para a democracia. Exilados políticos regressaram aos seus países. Em algumas das línguas locais africanas foram criativamente definidas palavras que traduzissem Democracia. Na Guiné Bissau, numa das suas línguas, foi traduzida para ‘felicidade’. Muitas destas transições não resultaram em democracias, mas as eleições permaneceram. Eleições regulares passaram a ser a regra e não a exceção⁴, mesmo que algumas destas eleições fossem só relativamente livres e justas⁵. Politicamente, os africanos, em menos de quatro décadas, viam o seu estatuto mudar: no período colonial, não eram considerados cidadãos (apenas assimilados ou nativos); na pós-independência, em regimes monopartidários, passaram a ter o estatuto de ‘camaradas’; e, na década de 90, passaram a eleitores. Contudo, estas transformações políticas raramente receberam o regozijo internacional. Talvez a exceção tenha sido como Nelson Mandela. A 11 de fevereiro de 1990, Nelson Mandela atravessou o portão da prisão Victor Verster, como um homem livre. Tinham passado 25 anos de reclusão. Madiba, como é carinhosamente chamado na África do Sul, seria, em 1994, o primeiro presidente não branco daquele país. O mundo já o tinha adotado há anos como um dos nossos heróis do século XX. Madiba foi inscrito como

The recent political events in some Middle Eastern countries were almost immediately dubbed the “Arab Spring”. The name has stuck, even in the face of questions and scepticism about what was/is actually happening and how many countries are included in the supposed Spring. In contrast, the process of political liberalization¹ in Africa, which started in 1989, has never been baptized so generously or optimistically by the press. The political, social and economic changes which Africa² has undergone in recent decades, are perhaps most happily described by the title given to them in a recent Wilson Center publication, “Africa’s Long Spring”. In Africa, political liberalization was most visible at the end of the cold war, when a series of authoritarian regimes fell like dominoes. Several African countries held their first multi-party elections in the early nineties. In the whole of the eighties, Africa had held only 29 elections (three presidential and 26 parliamentary elections). In the nineties, this number increased fivefold, to 160 (74 presidential and 86 parliamentary elections)³. In many countries, the voter registration card was the first ID many citizens received from the State. The ballot box, parties, politicians,

national and international observers reached not just the capital cities but also the most remote areas. Some dictators changed into democrats, some just pretended and others were toppled. Many single parties voted in constitutions authorizing other parties. In other countries, national conferences – sometimes chaotic and disorderly – were organized to plan and discuss the transition to democracy. Political exiles came home. In some of the local African languages, words were creatively recruited to convey the meaning of Democracy. In Guinea-Bissau, in one of the country’s languages, it was translated as ‘happiness’. Many of these transitional processes failed to result in democracy, but the elections remained. Regular elections became the rule, and not the exception⁴, even if some of these elections were only relatively free and fair⁵. Politically, Africans saw their status change in less than four decades: in the colonial period, they were not considered citizens (classed merely as assimilated or natives), in the post-independence period, under single-party regimes, they acquired the status of ‘comrades’, whilst in the nineties they became voters.

466.º prisioneiro na prisão Robben Island, no ano de 64. Esses dois números iriam liderar a campanha contra a epidemia da sida em África. Pelo mundo, vestiram-se camisolas com o número 46664, não só para homenagear o ex-prisioneiro, o lutador, mas também o presidente que não se deixou deslumbrar com a ideia de ser presidente e quis apenas estar presidente, libertando-se do poder com a mesma determinação com que tinha lutado contra o abuso de poder e a violação dos direitos humanos. Mas mesmo estes momentos-primavera com Mandela não impediram que, na mesma altura, África vivesse, em simultâneo, dias de inverno. Quando ensino a disciplina “Política na África Contemporânea”, quer em Portugal, quer em África, na primeira aula escrevo no quadro “abril de 1994”. De seguida, explico que, neste mês, aconteceram dois momentos marcantes para a África contemporânea e pergunto «quais?». Conhecemos os dois momentos, mas a nossa memória atraiça-nos e não os coloca na mesma gaveta do tempo. A 18 de abril de 1994, teve início a violência que resultou na morte de quase um milhão de ruandeses e, a 27 de abril, a África do Sul, pela primeira vez, tinha eleições com sufrágio universal – homens e mulheres, independentemente da sua cor, esperaram horas em filas para votar e o país elegeu o primeiro presidente da república não branco. As imagens deste Ruanda e desta África do Sul são distintas: de um lado, a alegria e a esperança; do outro, o desespero e a morte. Esta coincidência temporal é demonstrativa da complexidade da política e do risco da simplificação de títulos: primavera, verão, inverno. Sim, nas últimas décadas, África tem conhecido a primavera, mas não deixa de haver, aqui e ali, estações menos felizes.

A imprensa cai, no entanto, na necessidade da simplificação e, tal como no passado, não referia as primaveras. Agora, o crescimento económico em África faz com que, nos últimos tempos, a predisposição para ver África com simpatia seja a regra⁶. África é realmente um continente promissor, jovem, com recursos, mais livre, rico. Sem dramatizar e sem exagerar, convém recordar que, esta África, coexiste com as outras Áfricas pobres e/ou não livres. Falar das transformações políticas, sociais e económicas atuais, em África, obriga necessariamente a que se recorde a juventude da maioria dos estados africanos. Em média, um estado africano, com as fronteiras do presente, existe há 50 anos. Antes de suscitar o ceticismo dos africanistas acentuados, defendo-me proativamente dizendo que não tenciono discutir a verdade absoluta de que as culturas e as sociedades africanas já

existiam mesmo antes da colonização. Sim, é indiscutível. No entanto, estou a referir-me à estrutura de Estado atual. E aponto esta juventude para sobretudo realçar que as conquistas sociais, políticas e económicas, em tão curto espaço de tempo, podem ficar aquém do que se desejava, mas, mesmo com todos os ‘mas’, não deixam de ser merecedoras de nota positiva. Claro que, na leitura dos dados, podemos sempre optar pelo ‘copo meio cheio’ ou pelo ‘meio vazio’, mas, neste caso, prefiro o ‘meio cheio’. 48 Países⁷ constituem a África Subsaariana. Com a exclusão da Libéria, Etiópia e da África do Sul, todos os outros Estados surgiram como tal, após 1957. A tabela abaixo mostra que a maioria das independências ocorreu na década de 60. No entanto, os cinco países africanos de expressão portuguesa irão precisar de mais duas décadas, ganhando a independência após o fim do regime não democrático português, que se verificou em 1974. Em 2011, surge o mais jovem país, o Sudão do Sul, através de um referendo patrocinado pelas Nações Unidas e na expectativa de que a divisão do Sudão seja o final definitivo de um dos conflitos mais longos e mortíferos do continente (entre 1972 e 2002 calcula-se que tenham morrido, pelo menos, dois milhões de pessoas⁸).

DATAS DAS INDEPENDÊNCIAS DA ÁFRICA SUBSAARIANA

Intervalo	Número de países
1955-59	3
1960-64	26
1965-69	6
1970-79	9
1980-89	1
1990-99	2
2000-11	1

Fonte: Adaptado de Hyden, 2006

Em 1999, um em cada cinco africanos vivia num país em guerra. Existiram 28 guerras intraestados em África, entre 1970 e 2004⁹. A guerra civil de Angola durou 27 anos e a de Moçambique 15 anos. Se nos limitarmos a analisar o sul de África, até aos anos 90, dos 14 Estados que integram a Comunidade para o desenvolvimento da África Austral (SADC), pelo menos cinco¹⁰ tiveram guerras ou guerrilhas. Para além da guerra, os golpes de Estado em África eram a regra e não a exceção. África teve, nas décadas 60, 70 e 80, em média, por década, 22 golpes de Estado. Nos anos 90, este número desceu para 12 e, de 2000 a 2006, a região registou apenas cinco golpes de Estado¹¹. Os golpes de Estado passaram a não ser tolerados por todas as instituições regionais e sub-regionais africanas, que têm um discurso unísono, em prol da democracia e de condenação de golpes de Estado¹².

However, these political changes were seldom the cause of international rejoicing. The exception to this was perhaps Nelson Mandela. On 11 February 1990, Nelson Mandela walked out of the gates of Victor Verster Prison, a free man. He had spent 25 years in jail. Madiba, as he is affectionately known in South Africa, was to become the country’s first non-white president, in 1994. The world had years before embraced him as one of our heroes of the 20th century. Madiba was registered as prisoner no. 466 at Robben Island Prison, in ‘64. These two numbers later spearheaded the campaign against the AIDS epidemic in Africa. All over the world, people wore T-shirts with the number 46664, not just in tribute to the former prisoner, fighter and president, who never let the presidency go to his head, preferring merely to play his role and then to liberate himself from power with the same determination he had shown in the struggle against the abuse of power and human rights violations. But not even these spring-moments with Mandela could prevent Africa, at the same time, from experiencing the dark of winter. When I teach ‘Politics in Contemporary Africa’, both in Portugal and in Africa, I start the first lesson by writing “April 1994” on the board. I then explain that this month produced two events of crucial importance to contemporary Africa, and then I ask, “what were they?” We know of both events, but our memory betrays us and has filed them away under different time periods. On 18 April 1994, violence broke out in Ruanda, leading to the death of nearly a million people, and, on 27 April, South Africa held its first elections with universal suffrage – men and women, irrespective of colour, queued for hours to vote and the country elected its first non-white president. These images from Ruanda and South Africa form a stark contrast: on the one hand, cheerfulness and hope, and on the other, despair and death. That these events should coincide in time serves to illustrate the complexity of politics and the dangers of simplistic labels: spring, summer, winter. Yes, in recent decades, Africa has experienced a spring but, here and there, the less clement seasons have still shown their face. But the press must have its simplifications and, just as in the past, it made no mention of any spring. More recently, economic growth in Africa has meant that a predisposition to see Africa in a friendly light is now the rule⁶. Africa can accurately be described as a continent of promise, youth, increased freedom and wealth. But without overdramatizing, we should remember that this Africa co-exists with others which are poor and/or unfree. When we talk about current political, social and economic change in Africa,

we have to remember how young most African states are. On average, African states with their present-day borders have existed for 50 years, Before I incur the wrath of dedicated Africanists, let me defend myself by saying that I have no wish to cast doubt on the absolute truth that African cultures and societies existed even prior to colonialization. This is beyond question. I am referring instead to the structure of the contemporary State. And I draw attention to their youth, to stress above all that, although the social, political and economic achievements they have made in so short a time may fall short of what was hoped for, they still, despite all their failings, deserve to be seen in a positive light. Of course, when we interpret the data, we can always choose between seeing the glass as ‘half empty’ or ‘half full’, but in this case I prefer ‘half full’. Sub-Saharan Africa is made up of 48 countries⁷. Except for Liberia, Ethiopia and South Africa, all the other States came into existence as such after 1957. The following tables shows that most achieved independence in the nineteen sixties. However, the five Portuguese-speaking African countries were to need another two decades, gaining independence after the fall of the undemocratic regime in Portugal, in 1974. The youngest country, South Sudan, came into being in 2011 as the outcome of a referendum sponsored by the United Nations, in the expectation that dividing Sudan would bring a definitive end to one of the longest and deadliest conflicts on the continent (from 1972 to 2002 the death toll is put at no less than two million⁸).

INDEPENDENCE DATES IN SUB-SAHARAN AFRICA

Range	Number of countries
1955-59	3
1960-64	26
1965-69	6
1970-79	9
1980-89	1
1990-99	2
2000-11	1

Source: Adapted from Hyden, 2006

In 1999, one in every five Africans lived in a country at war. There were 28 inter-state wars in Africa, from 1970 to 2004⁹. Civil war lasted 27 years in Angola, and 15 years in Mozambique. If we look just at southern Africa, up to the nineties, of the 14 States belonging to the Southern Africa Development Community (SADC), no less than five¹⁰ were involved in wars or guerilla warfare. In addition to war, coups d’état in Africa were the rule and not the exception. In the sixties, seventies and eighties, an average of 22 coups d’état took place in Africa per decade. In the nineties, this figure fell to 12 and, from 2000 to



© Lyle Ashton Harris, "Untitled (Mobile #2)", 2005, cortesia da / courtesy of CRG Gallery, Nova Iorque / New York

Com estes números presentes, podemos, agora, iniciar a descrição de algumas das conquistas sociais, políticas e económicas, após 1989. E, assim, talvez o leitor concorde comigo, que, desde 1989, é justo falar-se de “Uma Longa Primavera Africana”.

A PRIMAVERA SOCIAL AFRICANA

Uma das mudanças mais notáveis em África nas últimas décadas foi, sem dúvida, o acesso à educação. Com realce para o aumento das crianças a frequentar o ensino primário, de 1999 a 2010, que passou de 58% a 76%¹³. O ensino proliferou, não só no que respeita ao ensino básico e secundário como, e talvez onde a diferença é maior, no surgimento de estabelecimentos de ensino superior. A evolução no acesso à educação pode ser lida nas estatísticas e também pode ser percebida através das diversas biografias africanas. Com estas, percebemos o privilégio de ser ‘escolhido’, nos anos 50, 60 e 70, para ter educação. No caso de Moçambique, a autobiografia de Joaquim Chissano¹⁴ permitiu-me vê-lo em criança a carregar com a maior responsabilidade do mundo, o caderno na escola, e a perceber que, mesmo sendo só uma criança, tinha

consciência de que era uma criança especial em relação às outras porque andava na escola. Ser ‘escolhido’ para frequentar a universidade em Lisboa é também reconhecido como um privilégio. Na pós-independência de Moçambique, tal como em muitos outros países de partido único, o acesso à educação superior continuava a ser resultado de se ser ‘escolhido’. Hoje, os moçambicanos escolhem onde e como estudam. Em 1992, na altura do acordo de paz, existia apenas uma universidade em Moçambique; após a paz, surgiu a Universidade Católica fora da capital. Agora, passados 20 anos do acordo de paz, existem 44 instituições de ensino superior espalhadas pelo país, com mais de 100 mil alunos¹⁵. Este fenómeno não é exclusivo de Moçambique. Segundo a OCDE, o número de alunos em universidades africanas triplicou de 1991 para 2005. A urbanização é também uma das transformações mais notórias das últimas décadas e com tendência crescente. Cada vez mais, o cidadão africano vive na cidade em vez de na típica aldeia rural. O êxodo rural transformou a paisagem urbana do continente. As grandes cidades continuam a crescer e a proliferar, algumas com população semelhante à de Portugal, como por exemplo Lagos (Nigéria)

2006, the region experienced only five coups d’état¹¹. Coups d’état were no longer tolerated by African regional and sub-regional institutions, which spoke with one voice, in defense of democracy and condemning coups d’état¹². With these numbers in mind, we may now turn our attention to some of the social, political and economic progress achieved since 1989. And the reader may accordingly agree with me that, since 1989, we can justifiably speak of “A Long African Spring”.

THE AFRICAN SOCIAL SPRING

One of the most remarkable changes in Africa in recent decades is without doubt in access to education. The most impressive progress has been in the proportion of children attending primary school, which from 1999 to 2010 rose from 58% to 76%¹³. Education has proliferated, leading not just to more primary and secondary education but also, and perhaps most significantly, to the rise of higher educational establishments. Progress in access to education can be traced in the statistics and also understood from the biographies of leading African figures. These tell us of the privilege of being

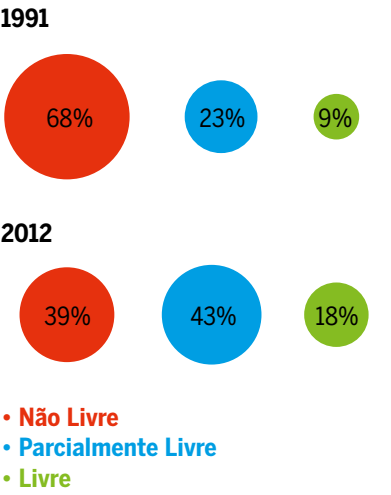
‘chosen’ to receive education, in the fifties, sixties and seventies. From Mozambique, the autobiography of Joaquim Chissano¹⁴ allowed me to glimpse him as a child, shouldering the greatest responsibility in the world, his school books, and to understand that, although just a child, he was aware that he was a special child, because he went to school. To be ‘chosen’ to attend university in Lisbon is also seen as a privilege. In post-independence Mozambique, as in many other single-party states, access to higher education continued to depend on being ‘chosen’. Mozambicans today can choose when and how they study. In 1992, at the time of the peace agreement, there was only one university in Mozambique. Once peace was established, the Catholic University was set up outside the capital. Twenty years down the road from the peace agreement, there are now 44 higher education establishments located throughout the country, with more than 100 thousand students¹⁵. This phenomenon is not limited to Mozambique. According to the OECD, the number of students at African universities tripled from 1991 to 2005. Urbanization is another of the most significant changes in recent decades, and continues to gather speed. African citizens are increasingly likely to live

com cerca 11 milhões de pessoas, Kinshasa (República Democrática do Congo) com 9 milhões e Luanda (Angola) com 5 milhões de pessoas¹⁶. África, na última década, assumiu o pódio do mais rápido crescimento de utilizadores de telemóveis. Em 1990, a Noruega tinha mais utilizadores de telemóvel que toda a África Subsaariana. Hoje, a realidade é totalmente diferente, com África a ter 600 milhões de telemóveis, mais do que toda a Europa. O telemóvel passou a pertencer à vida dos africanos, independentemente da idade, da riqueza ou de se viver na cidade ou no campo. Como resumia Paul Kagame, presidente do Ruanda, «em 10 anos, o telemóvel deixou de ser um bem de luxo para ser um bem de primeira necessidade». Os africanos usam o telemóvel não só para o tradicional telefonema, como também no acesso à internet que, em África, é feito predominantemente através de *smartphones*. O telemóvel é usado cada vez mais para o pagamento de contas, para transações bancárias e, pioneiramente, no Quênia, começou a ser usado para uma rede de informação para os agricultores¹⁷. Politicamente, os telemóveis foram e são também usados. Alguns dos governos foram surpreendidos quando, em 2008, surgiram motins em várias cidades africanas em protesto da subida de preços dos bens alimentares¹⁸. Estes motins surgiram nas ruas, surpreendendo quer os governos quer os partidos da oposição. Sem base em qualquer estrutura partidária, as manifestações foram convocadas por simples SMS. Desde dessa altura, vários governos africanos aumentaram as medidas de segurança, obrigando as empresas de telemóveis a registar o dono do número do telemóvel, pretendo, assim, controlar e, em caso de necessidade, identificar a origem de qualquer mensagem. Uma análise comparativa da Economist¹⁹ mostrava que, entre as 10 economias com maior crescimento, entre 2000 e 2010, seis eram de países africanos (Angola, Nigéria, Etiópia, Chade, Moçambique e Ruanda). As estimativas indicam que a economia africana continuará a crescer. O retrato social e económico da África de hoje continua a ser heterogéneo. Obviamente que o continente é muito diverso não só entre países, mas também dentro de cada país. A coexistência de disparidades socioeconómicas continua a ser uma característica da África Subsaariana, que faz com que tenha o segundo maior índice de desigualdade de riqueza no mundo, apenas ultrapassada neste *ranking* pela América Latina²⁰.

UMA ÁFRICA MAIS ‘LIVRE’. OU MAIS ‘PARCIALMENTE LIVRE’

Sabemos da literatura de democratização que uma transição de um regime monopartidário começa por ser um processo de liberalização política, muitas vezes prematuramente apelidado de transição para a democracia. Na verdade, nem todos os processos de liberalização política, tanto em África como em outras partes do mundo, resultaram em democracias. A África de hoje ainda tem regimes autoritários e repressivos, mas também tem países que deram passos significativos para a democracia. Outros há que, após avanços importantes, regrediram. Uma grande parte realizou processos de liberalização e ficou no que, em ciência política, se denomina de ‘regime híbrido’ – países que já não são um regime autoritário, mas também ainda não são uma democracia em pleno. A medição da democracia é um desafio. Perante as dificuldades em se encontrar uma unidade de medida comparável e aceite, é frequentemente usada uma medição que não pretende medir a democracia, mas que nos pode indicar uma aproximação do que seria uma medida de democracia. O gráfico abaixo mede as liberdades políticas e cívicas nos países, em 1991 e em 2012. Os valores permitem classificar os países através das liberdades existentes de Livres a Não Livres. Como se constata, em 1991, 68% dos países africanos eram considerados ‘Não Livres’; hoje, este número desceu para 39%. Como também é perceptível, apesar do crescimento na categoria ‘Livre’, a grande maioria não passou de ‘Não Livre’ para ‘Livre’, mas, sim, para ‘Parcialmente Livre’. Este é o fenómeno que, acima, se intitulava de regimes híbridos. São regimes que já não são autoritários, onde existem eleições relativamente justas, alguma liberdade de imprensa, mas que não são ainda

ÁFRICA SUBSAARIANA: PAÍSES LIVRES E NÃO LIVRES 1991 E 2012

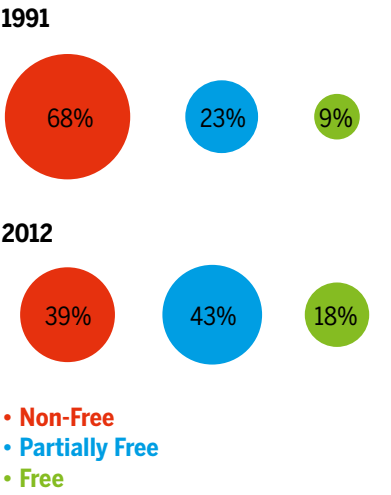


in a city, rather than a traditional rural village. The exodus from the countryside has transformed the continent’s urban landscape. The major cities continue to grow and proliferate, some with a population similar to that of Portugal, such as Lagos (Nigeria) with a population of 11 million, Kinshasa (Democratic Republic of the Congo) with 9 million and Luanda (Angola) with 5 million inhabitants¹⁶. Over the last decade, Africa can boast the fastest growth in mobile phone users anywhere in the world. In 1990, Norway had more mobile phone users than all of Sub-Saharan Africa. Today, the picture is radically different, with more than 600 million mobile phones in Africa, more than in all of Europe. The mobile phone is now part of Africans’ daily life, irrespective of their age, wealth or whether they live in the city or the countryside. In the words of Paul Kagame, President of Ruanda, «in 10 years the mobile phone has gone from luxury item to a basic necessity». Africans use their mobile phones not just for making calls, but also for access to the internet, which in Africa is predominantly the domain of smartphones. Mobile phones are used increasingly to pay bills, manage bank accounts and, in a pioneering scheme in Kenya, to provide a new information network for farmers¹⁷. Mobile phones are having an ongoing impact on political life. A number of governments were taken by surprise when, in 2008, rioting broke out in several African cities to protest against rising food prices¹⁸. The riots erupted in the streets, catching both governments and opposition parties off their guard. Bypassing the traditional party structures, the demonstrations were called by a simple text message. Since then, various African governments have stepped up security measures, requiring mobile phone operators to record the owner of mobile phone numbers, seeking by this means to monitor and, if necessary, identify the source of any message. A comparative analysis in the Economist¹⁹ showed that, of the 10 fastest growing economies in the world, between 2000 and 2010, six were in Africa (Angola, Nigeria, Ethiopia, Chad, Mozambique and Ruanda). Estimates suggest that the African economy will continue to grow. Africa’s social and economic fabric remains varied. The continent’s great diversity can be observed not just from country to country, but also within each country. The co-existence of widely diverging socio-economic realities remains a characteristics of Sub-Saharan Africa, making this the region with the second highest index of wealth inequality in the world, topped only by Latin America²⁰.

A ‘FREER’ AFRICA. OR MORE ‘PARTIALLY FREE’

We know from the literature on democratization that the transition from a single-party system starts with a process of political liberalization, often prematurely labelled as the transition to democracy. In actual fact, not all processes of political liberalization have resulted in democracies, in Africa or elsewhere in the world. Africa is home today to authoritarian and repressive regimes, but also to countries which have made significant strides towards democracy. In other cases, significant steps forward have been followed by other steps back. A large number have undergone processes of liberalization and ended up with what political scientists call a ‘hybrid regime’ – countries which no longer have an authoritarian regime, but which are still not full democracies. Measuring democracy is a challenge. In view of the difficulty of any unit of measurement gaining widespread acceptance for comparative purposes, use is frequently made of a unit of measurement not actually designed to measure democracy, but which is able to provide an approximation to such a measurement. The following graph plots political and civic freedoms in different countries, in 1991 and 2012. The figures allow us to classify countries on the basis of their freedoms on a scale from free to not free. As may be observed, in 1991, 68% of African countries were considered ‘Non Free’; a figure which has today fallen to 39%. The graph also shows us that, despite the growth in the ‘Free’ category, the vast majority moved not from ‘Non Free’ to ‘Free’, but rather to ‘Partially Free’. This is the phenomenon we referred to as hybrid regimes. These are regimes which are no longer authoritarian, where relatively free elections are held, and the press enjoys some freedom, but which are not yet full democracies. In addition to the difficulty of measuring

SUB-SAHARAN AFRICA: FREE AND NON-FREE COUNTRIES 1991 AND 2012



democracias plenas. Para além da dificuldade em medir estes regimes, o maior desafio é perceber qual o padrão que irão seguir. A liberalização política irá continuar no sentido de maiores liberdades ou estes países estagnarão neste patamar, a meio caminho? Ou, pela sua fragilidade, incorrem no risco de retroceder a regimes autoritários? Esta é a grande interrogação no presente.

POLÍTICA AFRICANA *VERSUS* POLÍTICA EM ÁFRICA

Nas aulas que dou em África, gosto particularmente de perguntar aos meus alunos qual das expressões consideram correta: ‘política africana’ ou ‘política em África’? Será a política em África diferente da política em qualquer outra parte do Mundo? Gosto, em particular, de usar o provérbio africano que diz «cabrito come onde está amarrado». Os políticos, os funcionários do Estado, os cidadãos, os militares, comportar-se-ão em função da ‘corda’ que tenham, quer em África, quer em qualquer outra parte do mundo. Dois dos estudiosos sobre política em África, de épocas distintas e com percursos diferentes, defenderam a necessidade de se terminar com a ideia de que a política em África é distinta da política no resto do mundo: Chabal suscita este argumento na discussão sobre o poder em África e Ake fá-lo quando argumenta que o problema da falta de desenvolvimento não é uma questão de subdesenvolvimento mas, sim, um problema de subdesenvolvimento da política em África. Os sistemas políticos, as instituições, devem ser obviamente o espelho das sociedades e das suas particularidades. As formas podem ser diferentes, mas os valores, esses, são universais. Foi nestes debates que comecei a perceber uma verdade óbvia – a história recente do nosso país, seja ele qual for, é vista por cada um de nós, consoante as nossas vivências e memórias. Sim, podemos todos saber o que foi o *Apartheid*, ter ouvido falar dos campos de reeducação, mas é diferente se posso contar a história na primeira pessoa. No passado longínquo não é tão importante, mas, no passado recente, esta consciência assume crescente importância. Alguns dos meus alunos nasceram após o final do *apartheid*, não viveram a guerra civil, nunca ouviram os discursos eloquentes e otimistas do Samora Machel. Um cidadão africano de um país PALOP, com 60 anos, testemunhou o período colonial, viveu a independência, passou por um regime de partido único e, se for da elite, terá estudado, muito provavelmente, numa ex-república da União Soviética. No

caso de um angolano ou moçambicano, terá também passado pela experiência de uma longa guerra civil. Pelo contrário, o eleitor moçambicano, santomense ou cabo-verdiano, de 18 anos, que nasceu em 1994, viveu sempre em paz e tem assistido a eleições regulares. Quando for votar pela primeira vez, o seu país já teve pelo menos quatro eleições em período regular. No caso de um angolano ou de um guineense, a guerra ainda fez parte da vida de um jovem de 18 anos. O guineense terá crescido com o seu país a ter várias eleições, mas nunca assistiu aos eleitos a terminarem um mandato. Se for um sul-africano, nascido em 1994, já não viveu a discriminação racial decretada por lei e, quando cresceu, não teve de olhar para a sua pele e pensar em que autocarro poderia andar, em que banco de jardim se poderia sentar. O *white only*, escrito nas casas de banho, restaurantes, universidades, é apenas parte da história aprendida e escutada da memória dos outros. Este fenómeno tem maior importância política num continente de jovens – 6 em cada 10 cidadãos africanos têm menos de 25 anos. Os eleitorados são dominados por jovens. Jovens para quem muitos dos acontecimentos políticos recentes são já apenas parte dos currículos escolares e não constituem, para eles, parte da sua própria vivência. Na ausência de diferenças de política programáticas relevantes, os partidos políticos africanos caem, muitas vezes, num discurso de competitividade eleitoral do passado, os movimentos de libertação usam as suas vitórias contra a colonização como se estas tivessem sido ‘ontem’, as oposições atacam os movimentos pelos dias após independências com o mesmo registo temporal de ‘ontem’. Mas este ‘ontem’ foi cada vez há mais tempo e cada vez dirá menos a um eleitorado jovem, educado e urbano, como é cada vez mais o eleitorado africano, para quem o ‘amanhã’ é mais importante, sobretudo porque, tal como da primavera, se esperam boas novas.

these regimes, the greatest challenge lies in understanding the course they will follow. Will political liberalization continue towards greater freedoms or will these countries stagnate at this half-way level? Or does the fragility of reform mean they run the risk of sliding back into authoritarianism? This is the big question today.

AFRICAN POLITICS VS. POLITICS IN AFRICA

When I teach in Africa, I particularly like to ask my students which expression they regard as most correct: ‘African politics’ or ‘Politics in Africa’? Might politics in Africa be different from politics anywhere else in the world? I especially like to use the African proverb which says that «the kid eats where it is tethered». The way politicians, civil servants, citizens and the military will behave depends on their “tether”, whether in Africa or in any other part of the world. Two academic experts in politics in Africa, from different periods and backgrounds, have argued that we should do away with the idea that politics in Africa is different from politics anywhere else. Chabal argues to this effect in his discussion of power in Africa and Ake does the same when he contends that the problem of the lack of development is not a question of underdevelopment but rather a problem of the underdevelopment of politics in Africa. Political systems and institutions should obviously reflect societies and their particular features. The forms may vary, but the values are universal. It was in these debates that I began to understand an obvious truth – the recent history of our country, whichever it may be, is seen by each of us in the light of our experiences and memories. We can all be well informed about apartheid or hear about re-education camps, but it is different if I can tell the story in the first person. In the distant past, this is not so important, but in the recent past, this awareness is increasingly relevant. Some of my students were born after the end of *apartheid*, never experienced the civil war and never heard Samora Machel speak with his characteristic eloquence and optimism. A 60-year-old citizen of a Portuguese-speaking African country witnessed the colonial period, lived through independence, experienced life under a single-party regime and, if he or she belonged to the elite, may well have studied in a former republic of the Soviet Union. In the case of an Angolan or Mozambican citizen, they will also have experienced a long civil war. In contrast, an 18-year-old voter in Mozambique, São Tome or Cape Verde, who was born in 1994, has lived through unbroken peace in

a society that holds regular elections. When he or she votes for the first time, it will be at least the fourth time the country holds regular elections. In the case of an 18-year-old from Angola or Guinea-Bissau, war will be part of his or her life experience. The young person from Guinea-Bissau will have grown up in a country which has held several elections, but never seen an elected government serve a full term. If the young person is a South African born in 1994, he or she will never have known legally decreed racial discrimination, and will have grown up never having to board the right bus, or choose the right park bench for his or her skin colour. The *Whites Only* signs, displayed at the entrance to bathrooms, restaurants and universities, are just part of the history they learn and hear from other people’s memories. This phenomenon is of the utmost political importance in a continent of young people – 6 in every 10 African citizens is less than 25 years old. Electorates are dominated by the young. Young people for whom many recent political events are just something they learn about at school and not part of their own life experience. In the absence of significant policy differences, African political parties often fall back on a discourse centred on past glories, liberation movements exploit their victories over colonialization as if they had happened yesterday, and opposition groups attack these movements for their role in the aftermath of independence, again as if this were only yesterday. But this ‘yesterday’ is now receding into the past and means less and less to a young, educated and urban electorate, of the type increasingly found in Africa, more interested in tomorrow, because, just as in springtime, they are looking for good news.

1 O conceito 'liberalização política' é utilizado em ciência política para descrever processos de abertura política, que, tendencialmente, poderão vir a ser processos de democratização. No entanto, pela incerteza dos resultados destes processos, opta-se por não os denominar de democratização. A expressão resulta do aumento das liberdades políticas.

2 Ao longo do texto África refere-se à África Subsaariana, excluindo assim os países do Norte de África que, politicamente, são convencionalmente incluídos no Médio Oriente.

3 Institute for Democracy and Electoral Assistance (2008). *Total number of democratic elections from, 1945 to 2000*.

4 Bratton, M. (1998). Second elections in Africa. *Journal of Democracy*, 9, 51-66.; Lindberg, S. I. (2006). The surprising significance of African elections. *Journal of Democracy*, 17(1), 139-151.

5 Adejumbi, S. (2000). Elections in Africa: A fading shadow of democracy? *International Political Science Review*, 21, 59-74.

6 Ver por exemplo o dossiê especial Economist “Aspiring Africa” na edição de 2 a 8 de Março 2013, ou as três especiais reportagens semanais no Financial Times em Março de 2013.

7 Número de países considerados por várias organizações multilaterais, ver por exemplo – United Nations Development Programme, & World Bank (2012). *Africa development indicators*. Washington, D.C.: World Bank Group.

8 Crocker, C. A., Hampson, F. O., & Aall, P. R. (2005). *Grasping the nettle: Analyzing cases of intractable conflict*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press.

9 Hyden, G. (2006). *African politics in comparative perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

10 Guerra civil em Angola, Moçambique, República Democrática do Congo. Guerra pela libertação no Zimbabué e Namíbia. A participação sul-africana na guerra de Angola.

11 Mack, A., Nielsen, Z., & Human Security Report Project (2008). *Human security brief 2007*. Burnaby, B.C.: Human Security Report Project.

12 No entanto, é importante ter em conta que apesar do discurso unísono em prol da democracia e de condenação de golpes de Estado, Estas estruturas são constituídas por países com regimes políticos substancialmente diferentes. Por exemplo, a CEDEAO integra, lado a lado, países considerados dos mais democráticos do continente (Gana e Cabo Verde) com países considerados dos mais autoritários e repressivos. Entre os regimes autoritários, alguns dos seus líderes chegaram ao poder através um golpe de Estado, como, por exemplo, o Presidente Jammeh, na Gâmbia, o Presidente Campaoré, em Burkina Faso, e o Presidente Obiang, na Guiné Equatorial.

13 Education for All (2011). *EFA global monitoring report*. Paris: UNESCO.

14 Chissano, J. (2011). *Vidas, lugares e tempos*. Leya, Maputo.

15 Ferreira, A. (2012). «O compromisso com a educação para o desenvolvimento a partir das instituições de educação superior: Fortalecimento da sociedade civil». Discurso não publicado do Reitor da Universidade Católica de Moçambique, Beira, outubro 2012.

16 Thrift, N. J., & Kitchin, R. (2009). *International encyclopedia of human geography*. Amsterdão: Elsevier.

17 Ver, por exemplo, a reportagem da CNN “Seven ways mobile phones have changed lives in Africa”, 14 de setembro de 2012.

18 Existem vários artigos de imprensa africana e internacional. Os motins tiveram escala mundial, em África aconteceram em, pelo menos, 14 países. Ver, por exemplo, a revista Times “The World’s Growing Food-Price Crisis”, de 27 de fevereiro de 2008.

19 The Economist, *Africa’s impressive growth*, 6 de janeiro 2011.

20 Sparks, D. (2007). Economic trends in Africa. In I. Frame et al. (Eds.), *Africa south of the Sahara 2008* (37th ed., pp. 8-12). London. England: Routledge.

1 The concept of ‘political liberalization’ is used in political science to describe movements towards greater political openness, which may tend to develop into processes of democratization. However, the uncertain outcome of these processes cautions against labelling them as democratization. The expression refers to the increase in political freedoms.

2 Throughout this article, by Africa we refer to Sub-Saharan Africa, thereby excluding the countries of Northern Africa which, politically, are conventionally included in the Middle East.

3 Institute for Democracy and Electoral Assistance (2008). *Total number of democratic elections from, 1945 to 2000*.

4 Bratton, M. (1998). Second elections in Africa. *Journal of Democracy*, 9, 51-66.; Lindberg, S. I. (2006). The surprising significance of African elections. *Journal of Democracy*, 17(1), 139-151.

5 Adejumbi, S. (2000). Elections in Africa: A fading shadow of democracy? *International Political Science Review*, 21, 59-74.

6 See for example the special feature on “Aspiring Africa” in the Economist, 2 to 8 March 2013, or the three special weekly reports in the Financial Times in March 2013.

7 Number of countries considered by several multilateral organizations, see for example – United Nations Development Programme, & World Bank (2012). *Africa development indicators*. Washington, D.C.: World Bank Group.

8 Crocker, C. A., Hampson, F. O., & Aall, P. R. (2005). *Grasping the nettle: Analyzing cases of intractable conflict*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press.

9 Hyden, G. (2006). *African politics in comparative perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

10 Civil war in Angola, Mozambique, Democratic Republic of the Congo. War of liberation in Zimbabwe and Namibia. South African participation in the war in Angola.

11 Mack, A., Nielsen, Z., & Human Security Report Project (2008). *Human security brief 2007*. Burnaby, B.C.: Human Security Report Project.

12 However, it is important to consider that, despite this unanimous discourse in favour of democracy and against coups d’état, these institutions are made up of countries with substantially different political systems. For example, ECOWAS includes countries regarded as the most democratic on the continent (Ghana and Cape Verde), alongside others regarded as the most authoritarian and repressive. Amongst the authoritarian regimes, some leaders reached power through coups d’état, such as President Jammeh, in Gambia, President Campaoré, in Burkina Faso, and President Obiang, in Equatorial Guinea.

13 Education for All (2011). *EFA global monitoring report*. Paris: UNESCO.

14 Chissano, J. (2011). *Vidas, lugares e tempos*. Leya, Maputo.

15 Ferreira, A. (2012). «O compromisso com a educação para o desenvolvimento a partir das instituições de educação superior: Fortalecimento da sociedade civil». Unpublished speech by the Vice-Dean of the Catholic University of Mozambique, Beira, October 2012.

16 Thrift, N. J., & Kitchin, R. (2009). *International encyclopedia of human geography*. Amsterdam: Elsevier.

17 See, for example, the CNN report “Seven ways mobile phones have changed lives in Africa”, 14 September 2012.

18 Several articles have been published in the African and international press. The riots were a worldwide phenomenon, occurring in Africa in at least 14 countries. See, for example, Times magazine “The World’s Growing Food-Price Crisis”, 27 February 2008.

19 The Economist, *Africa’s impressive growth*, 6 January 2011.

20 Sparks, D. (2007). Economic trends in Africa. In I. Frame et al. (Eds.), *Africa south of the Sahara 2008* (37th ed., pp. 8-12). London. England: Routledge.

FÁTIMA MENDONÇA

RULOTE

As borboletas não são o que parecem.
Decidi imaginar um lugar misterioso, um ponto que atrai as borboletas. A Rulote encontra-se no parque da Fundação Calouste Gulbenkian, portanto ao ar livre, e as borboletas em 3 dimensões vão pousar nela ao seu redor. A minha ideia foi transformar este objeto num lugar mágico e, ao mesmo tempo, lúdico, procurando integrá-la no ambiente de vegetação que a circula, como fazendo parte de um mesmo cenário.

Butterflies are not what they seem.
I decided to imagine a mysterious place, a point of attraction for butterflies. The Caravan is in the Gulbenkian Gardens, and is therefore outdoors, and the three-dimensional butterflies will settle on and around it. My idea was to transform this object into a place of magic and playfulness at the same time, seeking to integrate it into its surrounding environment of vegetation, as if it were all part of the same scene.



CATARINA BRANCO

ALMINHAS

Catarina Branco fundamenta e desenvolve o seu trabalho, a partir da plasticidade das vivências quotidianas e do imaginário popular, estabelecendo, para esse fim, relações internas. A emoção e o uso do recorte do papel, como técnica herdada dos seus antepassados, permitiram-lhe interpretar as histórias de um povo nas suas mais diversas formas. As quatro Alminhas surgem em diferentes espaços do jardim, preferencialmente em zonas com maior densidade vegetal, no meio das pequenas matas, por serem locais de repouso, de serenidade, de aparições, de revelações e de reconciliação, que conduzem a uma paragem quase obrigatória e à reflexão.

Catarina Branco develops her work from the basis of the plasticity of everyday life and the popular imagination, establishing inner relationships for this purpose. Her emotions and the use of paper cut-outs, as a technique that she inherited from her forebears, have enabled her to interpret the stories of a people as portrayed in its most diverse forms. The four Shrines appear in different areas of the garden, preferably in places where the vegetation is at its most dense, in the midst of small copses, as these are places of relaxation, serenity, apparitions, revelations and reconciliation, where people are almost obliged to stop for a while and engage in reflection.



LUÍS NOBRE



DESVIO

A partir dos caminhos propostos pelos jardins da Fundação Gulbenkian, propõe-se uma leitura do espaço envolvente onde a síntese de padrões e motivos vegetalistas típicos de várias zonas do globo (China, Grécia, Índia, Bordéus, entre outros) convergem para uma visão distorcida da perspectiva, do que é real e/ou representado.

Based on the footpaths proposed by the Gulbenkian Gardens, we are offered a reading of the surrounding area, where syntheses of typical plant motifs and patterns from different parts of the globe (China, Greece, India and Bordeaux, among others) converge to offer a distorted view of our perspective, of what is real and/or represented.

ARTE PÚBLICA / PUBLIC ART
21 JUNHO / JUNE - 29 SETEMBRO / SEPTEMBER

NICHOLAS HLOBO

Durante a minha visita à Gulbenkian, decidi expor o meu trabalho numa saliência perto do lago em frente ao Anfiteatro. Irei fazer duas figuras/pilares abstratas, em metal e noutros materiais. Estas figuras/pilares, de 2,5 a 3 metros de altura, serão colocadas à beira do lago. As obras têm referências eclesíásticas retiradas da Bíblia: Eva e o castigo da maternidade (a mãe a dar à luz); a mulher de Lot, a transformar-se numa estátua de sal, e o Jardim do Éden. As figuras/pilares fálicas assemelhar-se-ão, em abstrato, a um formigueiro. A água desempenha um papel importante na transmissão da mensagem da criação, uma vez que é uma fonte de vida.

During my visit to the Gulbenkian, I selected to exhibit my work on a ledge close to the lake opposite the amphitheatre. I will make two abstract figures/pillars from metal and other materials. These 2.5-3 metres tall figures/pillars will be placed by the edge of the lake. The work references ecclesiastical notions from the Bible – Eve and the punishment of child birth (mother giving life to her child). Lot's wife turning into a pillar of salt and the garden of creation. The phallic figures/pillars will abstractly resemble an ant hill. The water plays an important role in carrying through the message of creation as water is a life giving force.

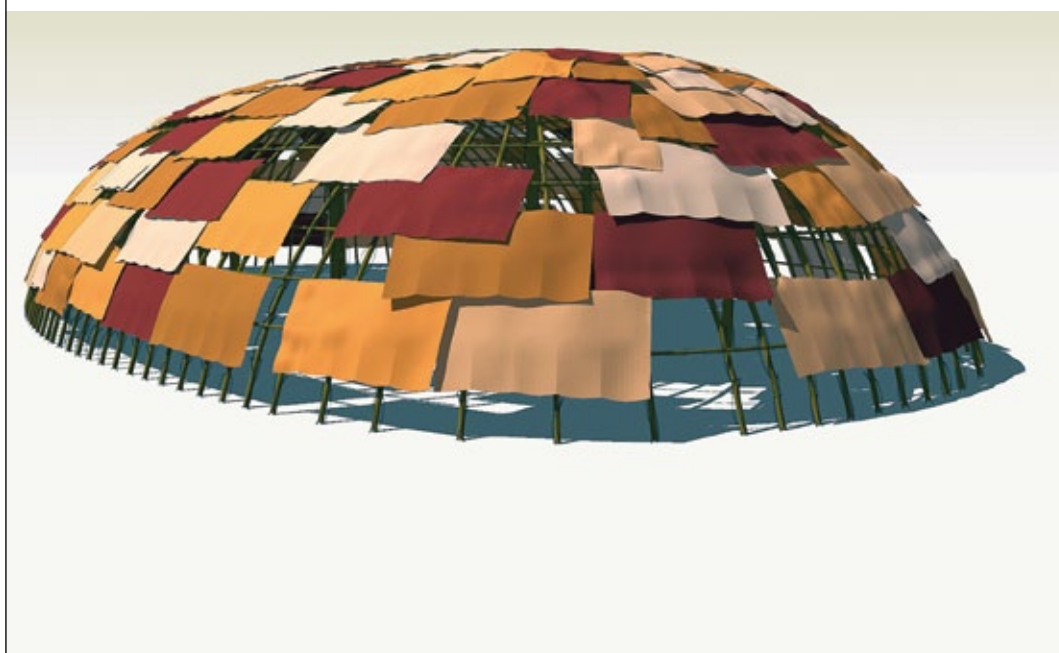
Figura 1 / Figure 1 (mãe / mother), 2004
3 m altura / height, 1,5 m diâmetro / diameter
Aço / Steel



Figura 2 / Figure 2 (criança / child), 2004
2,5 m altura / height, 1 m diâmetro / diameter
Aço / Steel



CATARINA PINTO



CABANA

Abrigo primordial realizado inteiramente com materiais naturais crus. Conjuga uma estrutura minimal de varas de eucalipto, com a riqueza plástica e autêntica dos materiais naturais em estado tosco. Cores terra, tons quentes e texturas de inspiração étnica-tribal africana. Os materiais empregues foram recolhidos numa viagem por diversas paisagens portuguesas, resultando numa variedade de colorações da terra (argila), que impregnaram os painéis que cobrem a Cabana. Salienta-se assim o carácter vernacular e holístico da construção, que, enquanto expressão plástica artesanal, acolhe o visitante e o relaciona com o lugar.

A primitive shelter made entirely from natural raw materials. It combines a minimal structure of eucalyptus poles with the genuine plastic wealth of natural materials in a pure state. Earthy colours, warm shades and textures inspired upon African ethnic tribes. The materials used were gathered on a journey through different Portuguese landscapes, resulting in a range of colours of the earth (clay), which have impregnated the panels covering the Hut. In this way, emphasis is placed on the vernacular and holistic character of the construction, which, as an expression of craftsmanship, receives the visitor and relates him to the place.

FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO DO SUL DA ÁFRICA / FESTIVAL OF LITERATURE AND THOUGHT OF SOUTH OF AFRICA

21 - 23 JUNHO / JUNE

NA CABANA

Depois de, em 2012, termos organizado um debate público em torno das questões culturais, políticas e artísticas específicas do Norte de África e do Médio Oriente, este ano o mesmo tipo de debate mais alargado vai centrar-se na região do sul de África, ou seja, a região alargada da África Austral. O ano de 1994, que marca o fim do *apartheid* em África, a cedência do poder de Frederik Willem de Klerk e a eleição de Nelson Mandela como presidente, não foi só o fim de um regime inumano para a África do Sul. Teve repercussões por toda a África e, muito em particular, na região da África Austral. Dezanove anos depois qual é o panorama destes países do sul da África? Que melhorias houve? Que dinâmicas existem? Que frustrações se acumulam? Que perspetivas há para o próximo futuro? É em torno destas questões que, um conjunto vastíssimo de protagonistas desta área e especialistas que acompanham as dinâmicas destes países, se propõe a que todos participem nesta Festa da Literatura e do Pensamento do sul da África.

In 2012, we organised a public debate about the specific cultural, political and artistic issues facing North Africa and the Middle East. This year, we will be holding a similar type of debate, but on this occasion it will be wider-reaching and will focus on the region of the south of Africa, or, in other words, the broader region of Southern Africa. 1994 was the year that marked the end of *apartheid* in Africa, with Frederik Willem de Klerk relinquishing his hold on power and with Nelson Mandela being elected president. But this was not only the end of an inhuman regime for South Africa: it had repercussions all over Africa, and, above all, in the region of Southern Africa. Nineteen years later, what is the panorama facing these countries in Southern Africa? What improvements have there been? What dynamics exist? What frustrations have been built up? What prospects are there for the next future? A vast group of leading figures from this area and specialists who monitor the dynamics of these countries have been invited to discuss these questions by taking part in this Festival of Literature and Thought of south of Africa.



O ESTADO DAS ARTES

THE STATE OF ARTS

21 JUNHO / JUNE 19:00 / 7 PM



LÚCIA AFONSO (Portugal)
(moderadora / moderator)

Nasceu em Lisboa, em 1981, e vive entre Lisboa e São Paulo. Doutoranda em História da Arte (FCSH-UNL/FAU-USP) e investigadora do Instituto de História da Arte (UNL), com pesquisa sobre a representação nacional em exposições de grande escala. Atua no campo da arte moderna e contemporânea como historiadora e crítica, desenvolvendo projetos curatoriais e editoriais individuais e colaborativos. Foi assistente de curadoria de Agnaldo Farias e Moacir dos Anjos na 29ª Bienal de São Paulo, cocuradora do Laboratório de Curadoria, da Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, e curadora da exposição “Pequeno-almoço sobre cartolina”, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Lúcia Afonso was born in Lisbon, in 1981, and divides her time between Lisbon and São Paulo. She is currently studying for a PhD in Art History (FCSH-UNL/FAU-USP) and works as a researcher at the Institute of Art History (UNL – New University of Lisbon), where she is studying the Portuguese representation at large-scale exhibitions. She is involved in the field of modern and contemporary art as a historian and art critic, working on projects for individual and group curatorships and publications. She was an assistant curator to Agnaldo Farias and Moacir dos Anjos at the 29th São Paulo Biennale, co-curator of the Curator's Lab of Guimarães 2012 – European Capital of Culture, and curator of the exhibition “Breakfast on card”, held at the Calouste Gulbenkian Foundation's Modern Art Centre.



PATRICIA HAYES
(África do Sul / South Africa)

Professora de História na Universidade Western Cape, Patricia Hayes cresceu no Zimbabué. Autora e editora de trabalhos sobre história, fotografia e gênero (masculino e feminino), dirige um programa de licenciatura em História Visual. Doutorada em História pela Universidade de Cambridge, em 1992, obteve várias bolsas de estudo, nomeadamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro e nas Universidades de Emory, Cambridge, Calcutá e Colónia. Atualmente investiga ligações entre a liberdade, a fotografia e o período pós-colonial na África Austral. Das publicações mais recentes, consta a obra “Bush of Ghosts: Life and War in Namibia” (2010), com o fotógrafo John Liebenberg. Patricia Hayes grew up in Zimbabwe and teaches history at the University of the Western Cape. She has published and edited work on history, photography and gender, and runs a graduate programme in visual history. She received her PhD in history from Cambridge University in 1992 and has held visiting fellowships at Federal University of Rio de Janeiro, Emory University, Cambridge, Calcutta and Cologne. Her current research explores the connections between liberation, photography and the postcolony in Southern Africa. Recent publications include “Bush of Ghosts: Life and War in Namibia” (2010), with photographer John Liebenberg.



JOAN LEGALAMITLWA
(África do Sul / South Africa)

Curadora independente é, atualmente, gestora de projetos na Children's Radio Foundation. Licenciou-se em Cinema e Meios de Comunicação pela Universidade de Cape Town e foi diretora dos Encontros do South African International Documentary Festival. Envolveu-se em vários eventos cinematográficos, entre os quais o North West Film Festival, o INPUT (International Public Television Conference), o Tri-Continental Film Festival e o Festival Mundial de Cinema de Cape Town. Foi membro do júri de festivais de cinema, designadamente o Festival de Cinema Documental Apollo Film (2006), o Festival Internacional de Cinema Documental de Amsterdão (2009), bem como do júri internacional do Festival de Curtas-Metragens de Oberhausen (2011) e do júri de curtas-metragens do Festival de Cinema de Cape Winelands (2011). Foi também curadora de cinema e vídeo da Stevenson Gallery e produziu o seu primeiro documentário para televisão, “Motsako: A Way of Life”, em 2013. Joan Legalamitlwa is an independent curator who is currently working full time as a project manager at the Children's Radio Foundation. She is a film and media studies graduate from the University of Cape Town and former director of the Encounters South African International Documentary Festival. Joan has been involved in organizing various other local Film events including the North West Film Festival; INPUT (International Public Television Conference); the Tri-Continental Film Festival and the Cape Town World Cinema Festival. She has served on the Apollo Film Festival Documentary Jury in 2006; the First Appearance Jury of the International Documentary Festival of Amsterdam (IDFA) 2009, International Jury of the Oberhausen Short Film Festival 2011 and the Short Film Jury at the 2011 Cape Winelands Film Festival. Joan has worked as film and video curator at the Stevenson gallery and produced her first TV documentary (Motswako: A Way of Life), in 2013.



TIAGO CORREIA-PAULO
(Moçambique / Mozambique)

Nasceu em Maputo, em 1977. Gosta de dizer que ‘perdeu’ tempo a estudar Economia de Desenvolvimento e Gestão de Recursos Humanos, na África do Sul, para afinal descobrir que queria ser músico ou algo parecido. Em Joanesburgo, formou alguns agrupamentos musicais para poder gravar álbuns, participar em *tournées* e fazer outras coisas que o convencional músico faz. Mais tarde, aborrecido com a uniformidade de tocar em grupos, começa a trabalhar por conta própria em bandas sonoras e noutras experiências musicais. Quase instintivamente, associa-se a outras paixões como o design, a ilustração e a edição e acaba por mergulhar de cabeça no mundo do cinema. Born in Maputo in 1977, Tiago Correia-Paulo likes to say that he ‘wasted’ time studying Development Economics and Human Resources Management in South Africa, only to end up discovering that he wanted to be a musician or something similar. In Johannesburg, he formed some musical groups to be able to record albums, go on tour and do other things that the conventional musician does. Later, becoming bored with the routine uniformity of playing in bands, he began to work by himself on soundtracks and other musical experiments. Almost instinctively, he became involved in some of his other passions, such as design, illustration and publishing, and ended up plunging head first into the world of cinema.

LITERATURA

LITERATURE

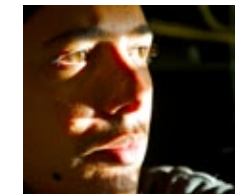
22 JUNHO / JUNE 18:00 / 6 PM



TEOLINDA GERSÃO (Portugal)
(moderadora / moderator)

Estudou nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim, foi leitora de português na Universidade Técnica de Berlim e professora catedrática na Universidade Nova de Lisboa. É autora de doze livros (romances e contos), traduzidos em onze línguas. Foram-lhe atribuídos, por duas vezes, o Prémio de Ficção do Pen Club, o Grande Prémio de Romance e Novela da APE, o Prémio da Associação Internacional dos Críticos Literários, o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, o Prémio Máxima de Literatura, o Prémio de Literatura da Fundação Inês de Castro e foi *shortlisted* para o Prémio Europeu de romance Aristeion. Foi escritora-residente na Universidade de Berkeley, em 2004. Alguns dos seus livros foram adaptados ao teatro e encenados em Portugal, Alemanha e Roménia. Os seus livros mais recentes são “A Cidade de Ulisses” (romance, 2011) e “As Águas Livres” (Cadernos II, 2013). Teolinda Gersão studied at the Universities of Coimbra, Tübingen and Berlin, and taught Portuguese at Berlin Technical University before becoming a Professor at the New University of Lisbon. She is the author of twelve books (novels and short stories), translated into eleven languages. She has twice been awarded the Pen Club Fiction Prize, the APE Grand Prize for Novels and Novellas, the Prize of the International Association of Literary Critics, the Camilo Castelo Branco Grand Prize for Short Stories, the Máxima Prize for Literature, the Inês de Castro Foundation Literature Prize, and was shortlisted for the Aristeion European Literary Prize awarded for novels. She was a writer-in-residence at the University of

Berkeley, in 2004. Some of her books have been adapted for the theatre and have been staged in Portugal, Germany and Romania. Her most recent books are “A Cidade de Ulisses” (a novel, 2011) and “As Águas Livres” (Notebooks II, 2013).



ONDJAKI (Angola)

Nasceu em Luanda, em 1977. Prosador, às vezes poeta. É doutorado em Estudos Africanos. É membro da União dos Escritores Angolanos. Recebeu os prémios Sagrada Esperança (Angola, 2004), Conto – A.P.E. (Portugal, 2007), Grinzane Young Writer (Itália / Etiópia, 2008), FNLIJ (Brasil, 2010), JABUTI juvenil (Brasil, 2010) e o Prémio Bissaya Barreto 2012. Em 2012, o Estado de Minas Gerais atribuiu-lhe a Medalha de Mérito em Poesia Delicada, pela sua divulgação de “seres minúsculos e poéticos”, honra anteriormente concedida apenas ao escritor Paulinho Assunção (Brasil). Está traduzido para francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio, polaco e sueco. Born in Luanda, in 1977, Ondjaki is a prose writer and occasional poet. He has a PhD in African Studies and is a member of the Angolan Writers' Union. He has won the following prizes: Sagrada Esperança Prize (Angola, 2004), APE Short Story Prize (Portugal, 2007), Grinzane Young Writer's Prize (Italy / Ethiopia, 2008), FNLIJ (Brazil, 2010), the JABUTI Prize for young writers (Brazil, 2010) and the Bissaya Barreto Prize for 2012. In 2012, the State of Minas Gerais awarded him the Medal of Merit in Delicate Poetry, for his dissemination of “miniscule and poetic beings”, an honour that previously had only been awarded to the writer Paulinho Assunção (Brazil). His work has been translated into French, Spanish, Italian, German, English, Serbian, Polish and Swedish.



IVAN VLADISLAVIĆ
(África do Sul / South Africa)

Nasceu em 1957. Autor dos romances “The Folly”, “The Restless Supermarket”, “The Exploded View” e “Double Negative”, este último publicado, pela primeira vez, em TJ/Double Negative, um projeto conjunto com o fotógrafo David Goldblatt. Escreveu muito sobre Joanesburgo, nomeadamente em “Portrait with Keys” (2006), e foi o editor de vários volumes sobre arquitetura e arte, além de ter publicado uma monografia sobre o artista conceptual Willem Boshoff. As suas obras mais recentes são “The Loss Library and Other Unfinished Stories”, uma reflexão sobre a escrita (e a não escrita), e “A Labour of Moles”, uma pequena comédia de duplos sentidos, ilustrada por Ornan Rotem. Ivan Vladislavić (1957) is the author of the novels “The Folly”, “The Restless Supermarket”, “The Exploded View” and “Double Negative”. The last of these appeared initially in TJ/Double Negative, a joint project with the photographer David Goldblatt. Vladislavić has written extensively about Johannesburg, notably in “Portrait with Keys” (2006). He has edited volumes on architecture and art, and published a monograph on the conceptual artist Willem Boshoff. His recent books are “The Loss Library and Other Unfinished Stories”, a reflection on writing (and not writing), and “A Labour of Moles”, a small comedy of meaning illustrated by Ornan Rotem.



BINYAVANGA WAINAINA
(Quênia / Kenya)

Escritor de viagens, ensaísta, jornalista e ficcionista galardoado, Binyavanga Wainaina, de 41 anos, é também o fundador e o editor de Kwani? e uma das vozes mais dinâmicas da literatura africana. Até há pouco tempo, foi o diretor do Centro Chinua Achebe para os Artistas e Escritores Africanos da Bard University de Nova Iorque e, como escritor de viagens, escreveu para jornais e revistas, como The New York Times, National Geographic, Vanity Fair (EUA), The Mail and Guardian (África do Sul) e The East African, entre outros. O seu inesquecível ensaio, “How to Write About Africa?” foi traduzido em mais de vinte línguas e é estudado em universidades e escolas por todo o mundo como um texto fundamental sobre a perceção de África no ocidente. O seu livro “One Day I Will Write about This Place”, um livro de memórias sobre a sua vida no Quênia, obteve um grande êxito, quer comercial, quer junto da crítica, nos Estados Unidos, na Europa e no Quênia, aquando da sua publicação em 2012.

Binyavanga Wainaina, 41, is a travel writer, essayist, award winning fiction writer and journalist, and is also the Founding Editor of Kwani? and one of Africa's most dynamic literary voices. He was until recently the Director of the Chinua Achebe Center for African Writers and Artists at Bard College in New York and as travel writer, has written for The New York Times, National Geographic, Vanity Fair (US), The Mail and Guardian (SA), The East African, among other publications. His book, “One Day I Will Write about This Place” is a memoir about his life in Kenya and was first released to great critical and commercial success acclaim in the United States, Europe and Kenya in 2012.

PENSAMENTO E POLÍTICA

THOUGHT AND POLITICS

23 JUNHO / JUNE 16:00 / 4 PM



CRISTINA PERES (Portugal)
(moderadora / moderator)

Nasceu e vive em Lisboa. Licenciada em Filosofia (FCSH da Universidade Nova de Lisboa), é jornalista profissional desde 1987. Faz parte dos quadros do semanário Expresso, desde 1992, como crítica de dança e de teatro, tendo sido coordenadora entre 1998 e 2005. Consultora para as Artes do Palco do programa da RTP 2 “Câmara Clara”, de 2006 a 2012. Desde fevereiro de 2005 que faz parte da redação e coordena a secção de Política Internacional do mesmo jornal. Participou em colóquios, seminários e cursos, como palestrante e moderadora. Cristina Peres was born and lives in Lisbon. A graduate in Philosophy from the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon, she has been a professional journalist since 1987. She has been a dance and theatre critic for the weekly newspaper Expresso since 1992, having worked as the coordinator of this area from 1998 to 2005. She was a consultant on Performing Arts for the RTP 2 television programme “Câmara Clara”, from 2006 to 2012. Since February 2005, she has been a member of the Expresso editorial team and a coordinator for the same newspaper’s International Politics section. She has also taken part in conferences, seminars and courses as a lecturer and moderator.



ELISABETE AZEVEDO-HARMAN (Portugal)

Nasceu em 1972. É vice-diretora e professora auxiliar do IEP – Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa; coordena a Cooperação do IEP com a UCM – Universidade Católica de Moçambique e com a UCAN – Universidade Católica de Angola. A sua área de investigação inclui temas como a democratização, transições políticas, política contemporânea africana e instituições políticas. Doutorada pela Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul), desenvolveu e defendeu a sua tese de doutoramento sobre os parlamentos e os cidadãos em África. Foi investigadora convidada no CDD – Ghana (Center for Democratic Development) e consultora para o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Em 2013 publicou o seu primeiro livro “De Inimigos a Adversários Públicos? O Parlamento e os Parlamentares em Moçambique”, com a editora Leya de Moçambique.

Born in 1972, Elisabete Azevedo-Harman is an auxiliary professor and the deputy director of the Institute of Political Studies (IEP) at the Catholic University of Portugal. She is responsible for coordinating the cooperation between IEP, the Catholic University of Mozambique (UCM) and the Catholic University of Angola (UCAN). Her research area includes such topics as democratisation, political transitions, contemporary African politics and political institutions. She has a PhD from the University of Cape Town (South Africa), with her thesis being about parliaments and citizens in Africa. She was a guest researcher at CDD (Centre for Democratic Development) in Ghana and a consultant for the United Nations Development Programme

(UNDP). In 2013, she published her first book “De Inimigos a Adversários Públicos? O Parlamento e os Parlamentares em Moçambique”, with the publishing house Leya of Mozambique.



ELÍSIO MACAMO

(Moçambique / Mozambique)

É professor de estudos africanos e diretor do centro de estudos africanos da Universidade de Basileia, na Suíça. Formou-se em tradução e interpretação, em Maputo e em Salford (Inglaterra), e, em sociologia, em Londres e em Bayreuth (Alemanha). É membro do Centro de Estudos Africanos do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Tem obras publicadas nas áreas da sociologia do desenvolvimento, risco, política e metodologia das ciências sociais. Está em preparação a publicação em italiano do seu livro “Abecedário da nossa dependência”, uma abordagem do auxílio ao desenvolvimento na perspetiva da filosofia da linguagem.

A lecturer in African Studies and the director of the African Studies Centre at the University of Basel, in Switzerland, Elísio Macamo studied Translation and Interpreting in Maputo and at Salford University (England), as well as Sociology in London and Bayreuth (Germany). He is a member of the African Studies Centre at ISCTE – Lisbon University Institute. He has published works about the sociology of development, risk, politics and the methodology of social sciences and is currently preparing the publication in Italian of his book “Abecedário da nossa dependência”, an approach to the study of development aid from the viewpoint of the philosophy of language.



HARRY GARUBA

(Nigéria / Nigeria)

Poeta, antologista e académico, é autor da coleção Shadow & Dream and Other Poems, além de ser o editor da antologia de referência da nova poesia nigeriana, “Voices from the Fringe”. Professor Associado de Estudos Ingleses e Africanos, da Universidade da Cidade do Cabo, é amplamente publicado na área da literatura africana e obteve bolsas da Fundação Andrew W. Mellon para o Centro de Pesquisa de Humanidades Harry Ransom, da Universidade

do Texas, em Austin, e do Mandela Fellowship Program para o Instituto W.E.B. Du Bois, da Universidade de Harvard. Foi, anteriormente, diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade da Cidade do Cabo. Harry Garuba is a poet, anthologist and scholar. He is author of the collection “Shadow & Dream and Other Poems” and has edited the hallmark anthology of new Nigerian poetry entitled “Voices from the Fringe”. An associate professor of English and African Studies at the University of Cape Town, he is widely published in the field of African Literature and has held a Mellon fellowship at the Harry Ransom Humanities Research Center, University of Texas at Austin and a Mandela fellowship at the WEB DuBois Institute, Harvard University. He was previously Director, Centre for African Studies, University of Cape Town.



JOÃO PAULO BORGES COELHO

(Moçambique / Mozambique)

Embora naturalizado moçambicano, nasceu no Porto, em 1955. Historiador doutorado na Universidade de Bradford (Reino Unido), é professor associado de história contemporânea na Universidade Eduardo Mondlane e diretor científico do Centro de Estudos Sociais Aquino de Bragança (CESAB). É também escritor de ficção, com 5 romances, 2 novelas e 2 volumes de contos publicados em Portugal, Moçambique e Itália. Entre os prémios literários recebidos contam-se o Prémio Nacional de Literatura José Craveirinha 2005, o Prémio BCI 2011, em Moçambique, e o Prémio Leya 2010, em Portugal. Em 2012 foi-lhe conferido um doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Aveiro, Portugal.

Although he is a naturalised Mozambican citizen, João Paulo Borges Coelho was born in Porto, in 1955. With a PhD in History from the University of Bradford (United Kingdom), he is an associate professor in Contemporary History at Eduardo Mondlane University and the academic director of the Aquino de Bragança Centre of Social Studies (CESAB). He is also a writer of fiction, with five novels, two novellas and two volumes of short stories published in Portugal, Mozambique and Italy. Among the literary prizes that he has been awarded are the 2005 José Craveirinha National Prize for Literature, the 2011 BCI Prize, in Mozambique, and the 2010 Leya Prize, in Portugal. In 2012, he was awarded the degree of Doctor *honoris causa* by the University of Aveiro in Portugal.

POESIA

POETRY

com leitura de poemas em português e inglês
with poetry readings in Portuguese and English

23 JUNHO / JUNE 18:00 / 6 PM



GOLGONA ANGHEL (Portugal)
(moderadora / moderator)

Nascida em 1979, licenciou-se em Estudos Portugueses e Espanhóis, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2003), onde, mais tarde, concluiu o doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea (2009). Desde aí, desenvolve a sua atividade de investigação no âmbito de um projeto de pós-doutoramento, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou os livros de ensaio “Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto” (Quasi Edições, 2006), “Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto” (Língua Morta, 2013) e as poesias “Crematório Sentimental” (Quasi Edições, 2007), “Cómo desaparecer” (Diputación de Málaga, 2011), “Vim porque me pagavam” (Mariposa Azul, 2011), “Como uma flor de plástico na montra de um talho” (2013, no prelo). Mais recentemente, preparou uma edição diplomática dos “Diários” do poeta Al Berto (Assírio & Alvim, 2012). Born in 1979, Golgona Anghel graduated in Portuguese and Spanish Studies at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (2003), where she later completed her PhD in Contemporary Portuguese Literature (2009). Since then, she has been conducting research under the scope of a post-doctoral project at the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon. She has published collections of her essays “Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al

Berto” (Quasi Edições, 2006), “Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto” (Língua Morta, 2013) and her poems “Crematório Sentimental” (Quasi Edições, 2007), “Cómo desaparecer” (Diputación de Málaga, 2011), “Vim porque me pagavam” (Mariposa Azul, 2011), “Como uma flor de plástico na montra de um talho” (2013, in print). More recently, she prepared a diplomatic edition of the “Diaries” of the poet Al Berto (Assírio & Alvim, 2012).



JOAN METELERKAMP

(África do Sul / South Africa)

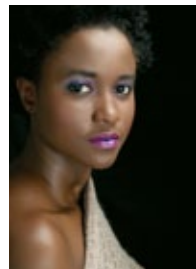
Nascida em 1956, vive numa pequena quinta familiar nos arredores de Knysna e é professora do programa de mestrado em Escrita Criativa, na Universidade de Rhodes, em Grahamstown. A sua obra consta em várias antologias, quer publicadas no seu próprio país, como em antologias internacionais de literatura sul-africana. Durante alguns anos, foi a editora do jornal de poesia New Coin, tendo também sido crítica de poesia e escrito ensaios, dos quais o mais recente foi traduzido para francês e incluído na antologia “Afrique du Sud, une traversée littéraire”. Participou em festivais de literatura e prepara a publicação do seu oitavo livro de poesia, pela Modjaji Books. Joan Metelerkamp (1956) lives on a small family farm outside the town of Knysna and teaches in the Masters in Creative Writing program at Rhodes University, Grahamstown. She is a poet whose work has been widely anthologized in her own country as well as in some international anthologies of South African writing. She edited

“New Coin” poetry journal for some years, has written poetry reviews and essays, the most recent of which was translated for the French book “Afrique du Sud, une traversée littéraire”, and has taken part in numerous literary festivals. Her eighth book of poems will be published later this year by Modjaji Books, Cape Town.



PETER KAGAYI (Uganda)

Poeta, advogado e professor, nasceu em 1986 e é *performer* de poesia no grupo Lantern Meet of Poets, além de ativista social. Os seus poemas apareceram recentemente na primeira publicação do grupo, sob o título “Broken Voices of the Revolution”. Atualmente trabalha na sua primeira antologia. Was Born in 1986 and he is a poet, lawyer and teacher. He is also a poetry performer with the Lantern Meet of Poets, and a social activist. His poems recently appeared in the Lantern Meet of Poets maiden Publication “Broken Voices of the Revolution”. Currently he is working on his first anthology.



TJ DEMA (Botswana)

Residente no Botswana, é poetisa, faz dobragens e dirige a Sauti Arts and Performance Management. É membro da academia de escrita da Universidade do Iowa e participou em vários programas literários nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Dinamarca, na Índia, em França e noutros países da África Austral. Poetisa presente em várias antologias, foi presidente da Associação dos Escritores do Botswana, tendo coeditado a sua própria antologia de contos e poemas e feito ainda uma gravação em CD de doze poemas daquele país. Promoveu, igualmente, oficinas de escrita criativa, tanto para o programa Power in the Voice, do British Council, como para os programas International Gateway for Gifted Youth, da Universidade de Warwick e Iowa Youth Writing Project.

TJ Dema (1981) is a Botswana based poet, recording and voice over artist who runs Sauti Arts and Performance Management. She is an honorary fellow in writing of the University of Iowa and has participated in various literary

programs in the US, UK, Denmark, India, France as well as throughout the southern African region. A widely anthologised poet, she is former chairperson of the Writers Association of Botswana, has co-edited its short story and poetry anthology and has recorded 12 Botswana poets on CD. She has facilitated creative writing workshops on behalf of the British Council's Power in the Voice program, the University of Warwick's International Gateway for Gifted Youth as well as the Iowa Youth Writing Project.



VONANI BILA

(África do Sul / South Africa)

Nasceu em 1972. Poeta, músico, formador de escrita criativa, é editor do jornal de poesia Timbila. Atualmente é aluno do programa de Mestrado em Escrita Criativa, da Universidade de Rhodes. Entre os seus livros de poesia, encontram-se “Handsome Jita” (University of KwaZulu Natal Press, 2007), “In the name of Amandla” (Timbila Poetry, 2005) e “Magicstan Fires” (Timbila Poetry, 2006). Fundou a casa rural para escritores, Timbila Writers' Village, em Shirley Village, na província do Limpopo. Os seus poemas já foram lidos no seu próprio país, assim como no Brasil, na Bélgica, no Gana, na Finlândia, na Argélia e na Indonésia e, muitos deles, encontram-se traduzidos para finlandês, indonésio, sueco, alemão, holandês, turco e francês.

Vonani Bila (1972) is a poet, musician, creative writing coach and editor of the poetry journal Timbila. He's currently a student in the MA in Creative Writing programme at Rhodes University. His books of poems include “Handsome Jita” (University of KwaZulu Natal Press, 2007), “In the name of Amandla” (Timbila Poetry, 2005) and “Magicstan Fires” (Timbila Poetry 2006). He is the founder of the Timbila Writers' Village in Shirley village, Limpopo province. Bila has read his poetry in South Africa, Brazil, Belgium, Ghana, Finland, Algeria and Indonesia. Some of his poems have been translated into Finnish, Indonesian Bahasa, Swedish, German, Dutch, Turkish and French.

Entrada livre / Free admission
Tradução simultânea /
Simultaneous translation

EXPOSIÇÕES / EXHIBITIONS
FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY

9ª EDIÇÃO DOS ENCONTROS DE FOTOGRAFIA DE BAMAKO 9th EDITION OF THE BAMAKO PHOTOGRAPHY ENCOUNTERS

22 JUNHO / JUNE - 1 SETEMBRO / SEPTEMBER

Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede
terça a domingo 10:00 – 18:00 / Tuesday to Sunday 10 am – 6 pm
Curadoras / Curators: Michket Krifa e/and Laura Serani

É a exposição da 9ª Edição dos Encontros de Fotografia de Bamako, que aqui se apresenta. O tema proposto aos fotógrafos foi “Para um mundo sustentável”. Um tema desta natureza, com as implicações que tem em termos de política ambiental, decisões económicas, defesa do ambiente, regulamentação agrícola, piscatória e industrial, num continente onde, em muitos países, se está longe de atingir os mínimos exigíveis pelo Protocolo de Quioto, é uma proposta, no mínimo, revolucionária. E foi desta maneira que as dezenas de fotógrafos que participaram, com centenas de fotografias e vídeos, deram a ver o estado do mundo onde, para citar as curadoras, «estar na terra e viver em comum» não podem deixar de ser noções óbvias que devem impor soluções cruciais, imediatamente.

It is the exhibition of the 9th edition of the Bamako Photography Encounters that is presented here. The theme proposed to the photographers was “For a sustainable world”. In a continent where, in many countries, they are still far from reaching the minimum levels set by the Kyoto Agreement, choosing a theme of this nature, with all the implications that it has in terms of environmental policy, economic decisions, environmental protection, and agricultural, fishing and industrial regulations, is, to say the very least, a revolutionary proposal. And this was how the scores of photographers that took part in this exhibition with hundreds of photographs and videos, offered visitors the chance to see the state of the world, where, to quote the curators, «being on Earth and living together» remain obvious notions that immediately call for drastic solutions.



© Lieu Botha, “Lebo and Ntombe”, série / series “Parrot Jungle”, Company Gardens, Cidade do Cabo / Cape Town

EXPOSIÇÕES / EXHIBITIONS
FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY

PRESENT TENSE

22 JUNHO / JUNE - 1 SETEMBRO / SEPTEMBER

Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede – Piso 01
terça a domingo 10:00 – 18:00 / Tuesday to Sunday 10 am – 6 pm
Curador / Curator: António Pinto Ribeiro



© Sammy Baloji, “Kolwezi #7”, Série / Series “Kolwezi”, (díptico / diptich), Shituru

Uma exposição com fotógrafos do sul da África. Olhando o passado, as fotografias não derivam de uma «constelação de etnias ou de tribos», para referir a tese de Elikia M'Bokolo, e este é um pressuposto essencial na curadoria da exposição “Present Tense”. Estamos bastante longe das fotografias feitas aos negros que «eram oficialmente e frequentemente descritos na mesma linguagem visual da fauna e da flora», citando Santu Mofokeng in “The Black Album Photo”. Interessa-nos mostrar e confrontar o trabalho de fotógrafos que residem ou viajam por um conjunto de cidades maioritariamente situadas na larga região do sul de África sem que nada possa indicar qualquer identidade visual ou cultural da região. Independentemente dos géneros – retrato, paisagem documento, fotojornalismo – são as fotografias sobre o “Present Tense” que queremos mostrar e, este conceito de “Present Tense”, engloba também a tensão entre as linguagens, a opção pela cor ou pelo preto e branco e o detalhe divergindo do panorâmico.

Com fotografias dos fotógrafos Délio Jasse, Dillon Marsh, Filipe Branquinho, Guy Tillim, Jo Ractliffe, Kiluanji Kia Henda, Mack Magagane, Malala Andrialavidrazana, Mauro Pinto, Paul Samuels, Pieter Hugo, Sabelo Mlangeni, Sammy Baloji e Tsvangirayi Mukwazhi.

“Present Tense” é uma coprodução do Programa Gulbenkian Próximo Futuro e da Fundação Calouste Gulbenkian – Delegação em França.

An exhibition with photographers from Southern Africa. Looking at the past, the photographs do not derive from a «constellation of ethnic groups or tribes», to mention the thesis proposed by Elikia M'Bokolo, and this is an essential premise in the curatorship of the exhibition “Present Tense”. We are quite far removed from the photographs taken of black people who «officially were frequently depicted in the same visual language as the flora and fauna», to quote Santu Mofokeng in “The Black Album Photo”. We are interested in showing and comparing the work of photographers who live or travel through a series of cities situated mainly in the Southern Africa region without there being anything to indicate any visual or cultural identity for the region. Regardless of the genres – portrait, landscape, document, photojournalism – these are photographs about the “Present Tense” that we want to show, and this concept of the “Present Tense” also includes the tension between languages, the choice of colour or black and white and the

detail diverging from the panoramic view. With photographs by the photographers Délio Jasse, Dillon Marsh, Filipe Branquinho, Guy Tillim, Jo Ractliffe, Kiluanji Kia Henda, Mack Magagane, Malala Andrialavidrazana, Mauro Pinto, Paul Samuels, Pieter Hugo, Sabelo Mlangeni, Sammy Baloji and Tsvangirayi Mukwazhi.

“Present Tense” is a co-production of the Next Future Programme and the Calouste Gulbenkian Foundation’s – Delegation in France.

BAILE NA GARAGEM GARAGE BALL

21 JUNHO / JUNE 24:00 / 12 PM



© Luis Firmo

DJ RUI MIGUEL ABREU (Portugal)

Jornalista (Blitz, Arte Capital e Jazz.pt) e radialista (Antena 3 e RDP África). Muita da atenção que tem dado à música ao longo dos anos tem recaído sobre a chamada música negra, tendo coberto extensivamente tipologias como o *hip hop*, *soul* e *funk*. Em 2009 iniciou o programa África Elétrica, na RDP África, uma emissão semanal de duas horas dedicada à produção mais elétrica de África, dos anos 60 até ao presente. Paralelamente, Rui Miguel Abreu tem estendido a sua veia de divulgador musical às cabines de DJs, tendo assinado já inúmeras apresentações por todo o país. Em 2010, levou a música que apresenta no programa África Elétrica até ao Festival de Músicas do Mundo, em Sines. Todas estas atividades desembocam no blogue 33-45.org, onde apresenta textos sobre diversos géneros musicais.

Journalist (Blitz magazine, Arte Capital and Jazz.pt) and a radio host (Antena 3 and RDP África). Much of his attention given to music over the years has fallen on the so called black music, having covered extensively trends like hip hop, soul and funk. In 2009, he started the program África Elétrica in RDP África, a two-hour weekly broadcast dedicated to Africa's most electric production, from the 60's to the present. Alongside that, Rui Miguel Abreu expanded his role as a musical promoter to the DJs booth, having already performed several times throughout the country. In 2010, he took the music he usually presents in his program, África Elétrica, do the Sines World Music Festival. All these activities are shown in his blog 33-45.org, where he writes about several music genres.



© Charlotte Pistor

ANALOG AFRICA SOUNDSYSTEM

(Alemanha, Tunísia, Croácia / Germany, Tunisia, Croatia)

Em 2001, Samy Ben Redjeb, o colecionador de discos germano-tunisino, lançou Analog Africa com uma compilação dos Green Arrows. A Analog Africa Soundsystem nasceu de um encontro com Pedro Knopp, o famoso DJ e promotor de eventos musicais de Frankfurt. Em 2005, os dois deram início à festa trimestral, Africa Delay, com o objetivo de apresentarem a variedade existente, para além dos estereótipos da música africana. Com inebriantes *grooves* oriundos de África, das Caraíbas e da América Latina, a festa obteve um enorme sucesso, apresentando excelentes espetáculos, como os da Orchestre Poly-Rhythmo, de Ebo Taylor e de Nickodemus. Após alguns convites do estrangeiro, o duo decidiu expor as suas descobertas musicais ao mundo inteiro. Já tocaram em festivais em Amesterdão, Atenas, Berlim, Cracóvia e Luanda, assim como em muitos outros locais onde partilharam o palco com atuações de Seun Kuti, Staff Benda Bilili, Conjunto Angola 70 e muitos outros grupos.

In 2001 the Tunisian German record collector Samy Ben Redjeb started Analog Africa with a compilation by the Green Arrows. The Analog Africa Soundsystem was born out of a meeting with Pedro Knopp, well-known on Frankfurt's scene as a DJ and promoter of music events. In 2005 the two started the quarterly afro music jamboree 'Africa Delay' to present the manifoldness besides the stereotypes of African music. With intoxicating grooves from Africa, the Carribean and Latin-America the party became a huge success, showcasing top notch acts such as Orchestre Poly-Rythmo, Ebo Taylor and Nickodemus. After a few invitations from abroad the duo decided to beat the drum for their music discoveries worldwide. So far they've played festivals in Amsterdam, Athens, Berlin, Krakow, Luanda and many other places while sharing the stage with acts like Seun Kuti, Staff Benda Bilili, Conjunto Angola 70 and many more.

CINEMATECA PROXIMO FUTURO

NEXT FUTURE CINEMATHEQUE

"Otelo Burning", Sara Blecher (África do Sul / South Africa)



24 - 27 JUNHO / JUNE
1 - 4 JULHO / JULY 22:00 / 10 PM
ANFITEATRO AO AR LIVRE

Filmes legendados em português / Portuguese subtitles

CINEMATECA PRÓXIMO FUTURO

NEXT FUTURE CINEMATHEQUE

A edição deste ano da Cinemateca Próximo Futuro conta com dois tipos de filmes: no dia 24 apresentaremos o filme de Sana Na N'Hada, “Cadjigue”, em estreia mundial, e, no dia 25, uma Trilogia com 3 curtas-metragens de Filipa César, seguida da estreia em Portugal do filme “Sem flash: homenagem a Ricardo Rangel”, de Bruno Z'Graggen.

O segundo conjunto de filmes é da curadora sul-africana Joan Legalamitlwa, cuja seleção foi feita a partir dos seus próprios critérios.

This year’s edition of the Next Future Cinematheque will consist of two types of films: on 24 June, we will be showing the world première of the film entitled “Kadjike” by Sana Na N'Hada, and on 25 June, three short films by Filipa César, followed by the Portuguese première of the film “Sem flash: homenagem a Ricardo Rangel”, by Bruno Z'Graggen.

The second set of films is by the South African curator Joan Legalamitlwa, whose selection was based on her own personal criteria.

24 JUNHO / JUNE



CADJIGUE / KADJIKE

Sana Na N'Hada (Guiné-Bissau / Guinea-Bissau)

Ficção / Fiction, 2013

113'; língua original: crioulo / original language: Creole (estreia mundial / world première)

Tal como no paraíso original, os habitantes do arquipélago de Bijagós vivem de acordo com as tradições ancestrais e em absoluto respeito pela natureza até que, um dia, um bando de traficantes de droga ocupa as suas ilhas sagradas. Quando o feiticeiro da aldeia morre, tudo parece estar perdido, mas, o seu jovem aprendiz, aceita ser o seu sucessor e decide lutar contra os invasores para salvar a aldeia.

As in the original paradise, the inhabitants of the Bissagos archipelago, located in the west coast of Africa, live according to ancient traditions and in absolute respect for nature, until, one day, a gang of drug dealers occupies their sacred islands. The medicine man dies and everything seems lost, until his young apprentice agrees to be his successor and decides to fight the invaders to save the village.

25 JUNHO / JUNE

TRILOGIA / TRILOGY

Filipa César (Portugal)

CONAKRY

Ensaio cinematográfico / Cinematographic essay, 2012

10'20"; língua original: inglês / original language: English

“Conakry” é um filme de 16 mm, de um único take, encenado no Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, e com base em imagens de arquivo filmadas por Flora Gomes, Sana Na N'Hada, Josefina Crato e José Columba Bolama. Filipa César convidou a escritora portuguesa, Grada Kilomba, e a rádio ativista americana, Diana McCarty, a refletirem sobre as imagens e a sua história. O filme sobrepõe relatos média ficcionados do arquivo cinematográfico, que vem sendo

digitalizado e tornado público, leituras subjetivas de imagens, ao mesmo tempo que se questiona o significado das imagens num mundo pós-libertação africana. O foco é sobre o reel do filme documentário de um determinado evento, “A Semana da Informação”, organizado em Conakry, no Palais du Peuple, em 1972, durante a luta de libertação, onde Amílcar Cabral foi o curador de uma exposição sobre o estado da guerra contra o domínio português. McCarty narra, como um apresentador de rádio, explicando os eventos ao mesmo tempo em que a câmara se move através do edifício para encontrar Kilomba, que relata a relevância histórica e a experiência pessoal dessas imagens, enquanto estas são projetadas sobre o seu corpo e na parede atrás. “Conakry” descreve e expõe como o acesso a imagens, quase esquecidas, do imaginário militante, podem ser um instrumento para a recuperação da memória.

Conakry is a single shot 16 mm film staged at the Haus der Kulturen der Welt in Berlin and based on the archival images shot by Flora Gomes, Sana Na N'Hada, Josefina Crato and José Columba Bolama. César invited the Portuguese writer Grada Kilomba and the American radio activist Diana McCarty to reflect on the images and their history. The film layers fictional media accounts of the film archive being digitized and made public, subjective readings of the images, along with questioning what these images mean in a post-African liberation world. The focus is on the documentary film reel of a particular event, “The Week of Information”, hosted in Conakry at the Palais du Peuple, in 1972, during the liberation struggle, where Amílcar Cabral curates an exhibition on the state of the war against Portuguese domination. McCarty narrates as a radio host explaining the events as the camera moves through the building to find Kilomba who relates the historical relevance and the personal experience of these images as they are projected onto her body and the wall behind. Conakry describes and exposes how accessing almost forgotten footage of militant imaginary can be an instrument for recovering memory.



CACHEU

Ensaio cinematográfico / Cinematographic essay, 2012

10'20"; língua original: inglês, crioulo / original language: English, Creole

“Cacheu” é uma palestra, realizada por Joana Barrios, que reúne elementos da investigação de Filipa César sobre o cinema guineense e quatro estátuas coloniais (hoje armazenadas nas fortalezas Cacheu, construídas pelos portugueses, em 1588, e um dos primeiros bastiões do estabelecimento do comércio de escravos na Guiné-Bissau). A palestra viaja através de diferentes momentos, onde estas estátuas expressam conflitos simbólicos: num pedestal durante o colonialismo português, destronado e partido em pedaços no chão após a Independência, como se vê no filme “Sans Soleil”, de Chris Marker, como um pano de fundo em “Mortu Nega”, de Flora Gomes, e, finalmente, como detritos na fortaleza Cacheu.

Cacheu is a lecture, performed by Joana Barrios, that brings together elements of César’s research on Guinean cinema and four colonial statues (stored today at the Cacheu fortresses, constructed by the Portuguese in 1588, and one of the first bastions of the establishment of the slave trade in Guinea Bissau). The lecture traces through different moments where these statues cast symbolic conflicts: on a pedestal during Portuguese colonialism, dethroned and broken in pieces on the ground after Independence as showed in the film “Sans Soleil” by Chris Marker, as a background props in “Mortu Nega” by Flora Gomes, and finally as debris at the Cacheu fortress.

CUBA

Ensaio cinematográfico / Cinematographic essay, 2012

10'24"; língua original: português, crioulo, inglês / original language: Portuguese, Creole, English

Em “Cuba” um take único revela uma palestra de cerca de dez minutos apresentada pelo cineasta guineense e régulo, Suleimane Biai, pela artista

luso-espanhola, Joana Barrios, e pelo ator guineense e diretor do Instituto de Cinema de Bissau (INCA), Carlos Vaz. O filme propõe um caminho a partir da experiência de Amílcar Cabral, como agrónomo, pesquisando o solo da aldeia portuguesa de Cuba, através do seu envolvimento como líder do movimento de libertação da Guiné e impulsionador do nascimento do cinema militante guineense, influenciado e apoiado por Cuba.

In Cuba, a sole tracking shot unfolds an approximately 10 minutes lecture presented by the Guinean filmmaker and régulo, Suleimane Biai, the Portuguese-Spanish performer Joana Barrios and the Guinean actor and director of Bissau’s Film Institute (INCA) Carlos Vaz. The film proposes a path from Amílcar Cabral’s experience as an agronomist researching on the soil of the Portuguese village Cuba through his engagement as the leader of the Guinean liberation movement and encourager of the birth of Guinean militant filmmaking influenced and supported by Cuba.



SEM FLASH. HOMENAGEM A RICARDO RANGEL (1924-2009)

NO FLASH. HOMAGE TO RICARDO RANGEL (1924-2009)

Bruno Z'Graggen (Moçambique / Mozambique)

Documentário / Documentary, 2012

56'; língua original: português, inglês / original language: Portuguese, English

O retrato cinematográfico, sob a forma de documentário, realizado pelo curador de exposições Bruno Z'Graggen, com direção de fotografia do produtor de vídeo Angelo Sansone (ambos de Zurique), assume-se como um condigno ensaio sobre a obra do grande fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel. The documentary film portrait NO FLASH. Homage to Ricardo Rangel (1924–2009) directed by exhibition curator Bruno Z'Graggen with camerawork by video filmmaker Angelo Sansone (both from Zurich) is a tribute to the life work of the outstanding Mozambican photographer Ricardo Rangel.

MZANSI - THE REEL SOUTH AFRICA

Mzansi é um calão sul-africano que significa 'sul'. É usado geralmente pelos jovens, quando querem referir-se à África do Sul. É uma palavra que está associada a tudo o que é bom, bem como a tudo o que seja recente, contemporâneo, inovador e visionário. O termo também pode ser usado para designar a juventude do país, dado que este apenas se tornou República Democrática da África do Sul em 1994, ano em que Nelson Mandela tomou posse como o primeiro presidente negro democraticamente eleito. A jovem democracia tinha a ver com a diversidade cultural, o perdão, a aceitação e o bom relacionamento entre os negros, os brancos, os indianos e as outras raças nacionais. Tendo passado por inúmeras mudanças, desde o seu nascimento, Mzansi encontra-se agora na turbulenta fase final da adolescência. “Mzansi – The Reel South Africa” é um ‘menu’ de ficção, de não ficção ou de filmes experimentais, que abrangem questões como sexualidade, identidade, tradição, transformação e cultura dos jovens. Este filme programático faz o levantamento das transformações e do progresso, que surgiram com o nascimento da 'nação do arco-íris'. Através dele, o público poderá saborear Mzansi!

Mzansi is a South African slang word meaning ‘South’ – usually used by the youth to refer to the country – South Africa. It is a word which is associated with all that is cool and with it; all that is fresh and contemporary; all that is innovative and visionary. The term can also be used to capture the youthfulness of the country as it only officially became the Democratic Republic of South Africa in 1994, when Nelson Mandela was inaugurated as the first black and democratically elected president of the country. The new Democracy meant cultural diversity, forgiveness, acceptance and getting along of black, white, Indian and coloured nationals. Mzansi is now in its tumultuous 'late teens' and a number of changes have taken place since its birth. “Mzansi – The Reel South Africa” is a 'potluck' of fiction, non-fiction

and experimental films which cover issues of sexuality, identity, tradition, transformation and youth culture. This film programme maps the development and changes that came with the birth of the 'rainbow nation'. Through them, audiences will get a taste of Mzansi!

Joan Legalamitlwa (África do Sul / South Africa)

(Curadora / Curator)

26 JUNHO / JUNE



MATERIAL

Craig Freimond (África do Sul / South Africa)

Drama, 2012

94'; língua original: inglês / original language: English

Cassim é um jovem muçulmano que trabalha na fábrica de tecidos do pai, em Joanesburgo. Sonha em tornar-se um humorista de *stand-up*, o que o pai desaprova. Quando consegue fazer um espetáculo num bar local, tem de o manter em segredo.

Cassim is a young Muslim man who works in his father’s fabric shop in Johannesburg. However, Cassim wants to be a stand-up comedian, which his father disproves of. When he gets a gig at a local bar, he has to find a way of keeping it a secret.

27 JUNHO / JUNE



REWIND

Liza Key (África do Sul / South Africa)

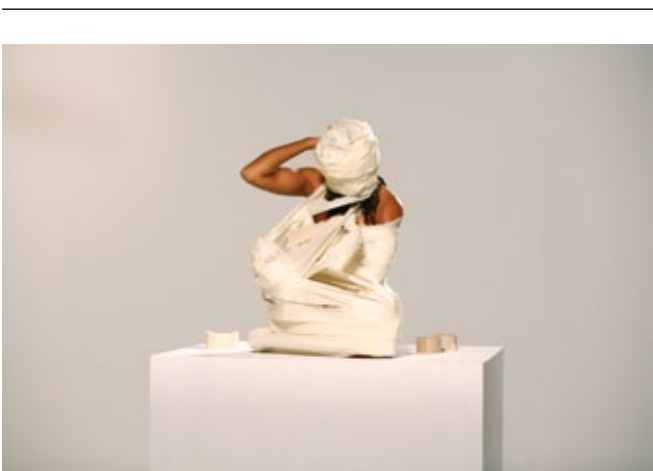
Documentário / Documentary, 2009

48'; língua original: inglês / original language: English

A Comissão Verdade e Reconciliação (The Truth and Reconciliation Commission – TRC) constituiu um momento extraordinário da nossa história coletiva: uma luta para perdoar, onde 21.000 vítimas contaram as suas histórias e 7.000 agressores confessaram os seus crimes. Para assinalar o seu 10º Aniversário, o compositor sul-africano Philip Miller utilizou fragmentos dos testemunhos gravados (frações de respirações, entoações, gemidos, sussurros e arfadas)

para compor a obra “Rewind: A Cantata for Voice, Tape and Testimony”. Esta é a envolvente e, às vezes, angustiante história por trás desta obra excecional e incomum. Entre excertos da performance do Market Theatre, concebida e dirigida por Gerhard Marx, Philip Miller – que compôs “Yizo Yizo, Heartlines, Kentridge’s 9 Drawings for Projection” e “Noyce’s Catch a Fire” – conta a história do desenvolvimento da cantata e, as gravações que lhe serviram de inspiração, são apresentadas num contexto visual, em que constam as entrevistas de algumas testemunhas, emissões públicas e ainda filmagens dos arquivos dos serviços secretos.

The Truth and Reconciliation Commission (TRC) was an extraordinary moment in our collective histories, a struggle to forgive, where 21 000 victims told their stories and 7 000 perpetrators confessed their crimes. To mark its tenth anniversary, South African composer Philip Miller used ‘shards’ from recorded testimonies – fragments of exhalations, intonations, moans, murmurs, gasps – to compose “Rewind: A Cantata for Voice, Tape and Testimony”. This is the engrossing and, at times, harrowing story behind this exceptional and unusual artwork. Between excerpts of the Market Theatre performance, directed and designed by Gerhard Marx, Miller (composer of “Yizo Yizo”, “Heartlines”, “Kentridge’s 9 Drawings for Projection” and “Noyce’s Catch a Fire”) tells the story of the cantata’s development, and the recordings that inspired him are placed in a visual context using interviews with some of those who testified, and public broadcast and secret service archive footage.



MMITLWA

Artista / Artist: **Lerato Shadi** (África do Sul / South Africa)

Performance Vídeo / Video Performance, 2010

25'21"

“Mmitlwa” é uma curta performance para vídeo, onde me envolvo em fita adesiva até o corpo ficar totalmente coberto, menos a mão que me está a embrulhar. A seguir, tento libertar-me com a mesma mão que me ligou.

Mmitlwa is a performance shot for video, where I wrap myself in masking tape, till my whole body is covered save the hand that’s been doing the wrapping. Then I proceed to free myself with the same self hand that has been doing the binding.



GANGSTER FILM

Teboho Edkins (Alemanha / Germany)

Docudrama, 2011

55'; língua original: inglês, africâner / original language: English, Afrikaans

Tal como o título indica, Teboho Edkins sonhou primeiro com um filme de gangsters. “Em Cape Town, não é preciso atores. São a cinco tostões a dúzia e o que é

preciso é um bom elenco” – diz o cineasta aprendiz. E lá vai ele, acompanhado pelo engenheiro de som, à procura de atores. De encontros nas zonas remotas dos subúrbios da cidade de reputação duvidosa, às viagens de carro pelos bairros de má fama, o cineasta imita as lendas de Hollywood ao tentar recrutar-los. Mas, aos poucos, as imagens desintegram-se. Histórias de uns que foram parar à prisão e de outros que se lembram de um amigo que foi assassinado. O medo, o luto, o tédio e os negócios insignificantes encontram-se bem longe das figuras ostentosas de que se estaria à espera. Por detrás dos mitos, as realidades do dia-a-dia acabam por ser triviais. O que fazer? Fazer a ligação dos dois é uma solução ousada. Misturar as cenas encenadas com as filmagens documentais, sem que se torne demasiado óbvio, seria o procedimento aceitável. Acaba por não haver filme nenhum. Apenas momentos interligados, em forma de projeto, sem nenhuma conclusão dramática. O gosto amargo permanece. A dureza da sobrevivência, num ambiente hostil em que tudo tem um preço demasiado elevado e a morte desapegada, continua a rondar em toda a sua brutal banalidade. As the title indicates, Teboho Edkins first dreamt of a 'gangster film'. In Cape Town, no need for actors, says the apprentice filmmaker, they're a dime a dozen, you should just need a good casting. And here he is accompanied by his sound engineer looking for their actors. From meetings in remote areas on the outskirts of the city, with a disturbing reputation, in nocturnal car rides in red-light districts, the filmmaker imitates Hollywood legends in order to try to enlist them. But little by little the images disintegrate. Stories of some in prison, others who remember a murdered friend. Fear, mourning, boredom and petty dealings are a distant cry from the expected flamboyant figures. Behind the myths, everyday realities turn out to be trivial. What to do? To link together the two will be the daring response: mixing acted scenes with documentary shots, without it being too obvious, since here posturing is acceptable. In the end, no 'film', just assembled moments, in project form, that must be left as is, with no dramatic conclusion. A bitter after-taste remains: the harshness of survival in a hostile environment where everything comes at a heavy price and indifferent death is on the prowl in all its crude banality.

1 JULHO / JULY



OTELO BURNING

Sara Blecher (África do Sul / South Africa)

Drama, 2012

102'; língua original: inglês, zulu / original language: English, Zulu

Algures, entre a “City of God” e “Blue Crush”, “Otelo Burning” é uma história de emancipação que tem como pano de fundo a libertação de Nelson Mandela. É uma história comovente de miúdos, de um bairro de lata negro, que aprendem a surfar. É a história do explosivo potencial de mudança, no período final do *apartheid*. Tudo visto pelos olhos de uma criança. Somewhere, between “City of God” and “Blue Crush”, “Otelo Burning” is a coming of age story set against the backdrop of Nelson Mandela’s release from prison. It’s an emotional story of kids in the township learning to surf. It’s a story of the explosive potential for change at the time of apartheid’s end – all seen through a child’s eye.

2 JULHO / JULY



THE AFRICAN CYPHER

Brian Little (África do Sul / South Africa)

Documentário / Documentary, 2012

89'; língua original: inglês, africâner, zulu, sotho, totsi taal / original language: English, Afrikaans, Zulu, Sotho, Totsi Taal

“The African Cypher” ganhou o Prémio do Público para o Melhor Filme Sul-Africano nos Encontros do Festival Internacional de Cinema Documental da África do Sul de 2012. Neste filme, o espetáculo da dança é central: a dança não só é um estilo de vida, como é também um símbolo de pertença e o caminho para o sucesso num gueto. O documentário acompanha grupos de jovens de bairros de lata, de Cape Flats a Mamelodi, enquanto atuam, riem, filosofam e ensaiam antes do concurso Red Bull Beat Battle. Do melhor que se faz no mundo, as espantosas cenas de dança são contagiantes. Quem se tiver rendido a alguns dos tolos que participam no concurso “A África do Sul tem talento” devia vê-las. Apoiando-se numa diversificada banda sonora elétrica, “The African Cypher” ergue-se como um importante barómetro do que se passa no mais significativo de todos os laboratórios de dança: a rua. Bryan Little’s “The African Cypher” won the Audience Award for Best South African Film at the 2012 Encounters South African International Documentary Festival. Spectacular dance is front and centre in “The African Cypher”. Dance is a lifestyle, a badge of belonging, and a way of succeeding in the ghetto. The documentary follows township crews from the Cape Flats to Mamelodi and beyond as they perform, laugh, philosophise and rehearse ahead of The Red Bull Beat Battle. The stunning dance scenes are infectious – quite literally world-beating. Anyone who has ever cringed at some of SA’s Got Talent fools should see this. Backed by an electric, eclectic soundtrack, “The African Cypher” stands as an important barometer of what’s going on in the most important dance laboratory of them all – the street.

3 JULHO / JULY



ELELWANI

Ntshaveni wa Luruli (África do Sul / South Africa)

Drama, 2012

103'; língua original / original language: Tshivenda

A jovem universitária Elelwani foi criada num ambiente profundamente tradicional. Os pais prometeram-na em casamento ao rei de Venda e, como filha obediente, quer cumprir a vontade dos pais. Todavia, para satisfazer a promessa, Elelwani terá de abandonar os sonhos de viajar e prosseguir a sua educação, tal como terá de quebrar o compromisso para com o seu único e verdadeiro amor. Deste galardoado cineasta Ntshaveni wa Luruli, é também o filme “The Wooden

Camera”, que ganhou o prémio de Melhor Filme Sul-Africano, no Festival Internacional de Cinema do Dubai de 2004, e o Urso de Cristal, no Festival de Cinema de Berlim de 2004.

Elelwani is a young university-educated woman who has been brought up in an environment steeped in tradition. Her parents have promised her hand in marriage to the Venda king and, as a dutiful daughter, she wants to obey their wishes. But in order to fulfil her promise, Elelwani must abandon her dreams of travel, further education and – most importantly – her commitment to her one true love. This thought-provoking film comes from acclaimed filmmaker Ntshavheni wa Luruli, whose film The Wooden Camera was Best South African Film at DIFF 2004, and was awarded the Crystal Bear for best youth feature at the Berlinale in 2004.

4 JULHO / JULY



SKOONHEID (BEAUTY)

Oliver Hermanus (África do Sul, França, Alemanha / South Africa, France, Germany)

Drama, 2011

99'; língua original: africâner, inglês / original language: Afrikaans, English

Neste drama do realizador Oliver Hermanus, um homem que leva uma vida dupla apercebe-se de que as suas obsessões o estão a levar por um caminho sombrio e perturbado. Na casa dos quarenta, Francois (Deon Lotz) é um homem de negócios sul-africano que aparenta ter um casamento feliz e ser um respeitável cidadão comum. No entanto, debaixo desta capa, Francois ferve de ressentimento: como africânder, desconfia e não gosta dos negros que ascenderam ao poder político após a queda do *apartheid*. Por outro lado, embora em público seja homófono, é sexualmente atraído por homens e participa periodicamente em sessões de sexo em grupo, juntamente com um outro homem branco, também casado. No casamento da filha, Francois vê Christian (Charlie Keegan), um bem-parecido jovem de vinte e oito anos, filho de um velho amigo da família, e, rapidamente, se torna obsessivo. No intuito de obter mais informações sobre o jovem, Francois vai visitar os seus pais e começa depois a segui-lo, enquanto se debate com os seus desejos. Francois sente-se atraído por Christian, mas também o vê como um homem que se sente tão confortável consigo próprio, como com o mundo que o rodeia, e o seu desejo acaba por abrir caminho a um ódio que parece destinado a culminar em violência.

A man leading a double life finds his obsessions leading him in a dark, troubling direction in this drama from South African filmmaker Oliver Hermanus. Francois (Deon Lotz) is a South African businessman in his mid-forties who on the surface seems to be an ordinary, happily married, and respectable citizen. But beneath the surface Francois seethes with resentment; as an Afrikaner, he distrusts and dislikes the blacks who have risen to political power since the end of apartheid, and while he’s openly homophobic, he’s sexually attracted to men and takes part in periodic group sex sessions with other white, married men. While attending his daughter’s wedding, Francois sees Christian (Charlie Keegan), the handsome twenty-something son of a longtime family friend, and he quickly becomes obsessed. Francois pays a visit to Christian’s parents to find out more about him, and begins following the younger man as he struggles with his desires. Francois is attracted to Christian, but he also sees in him a man who is comfortable with himself and the world around him, and his lust eventually gives way to a hatred that seems poised to explode into violence.

ESPETÁCULOS / LIVE PERFORMANCES

DANÇA / DANCE

TEMPO E ESPAÇO: OS SOLOS DA MARRABENTA

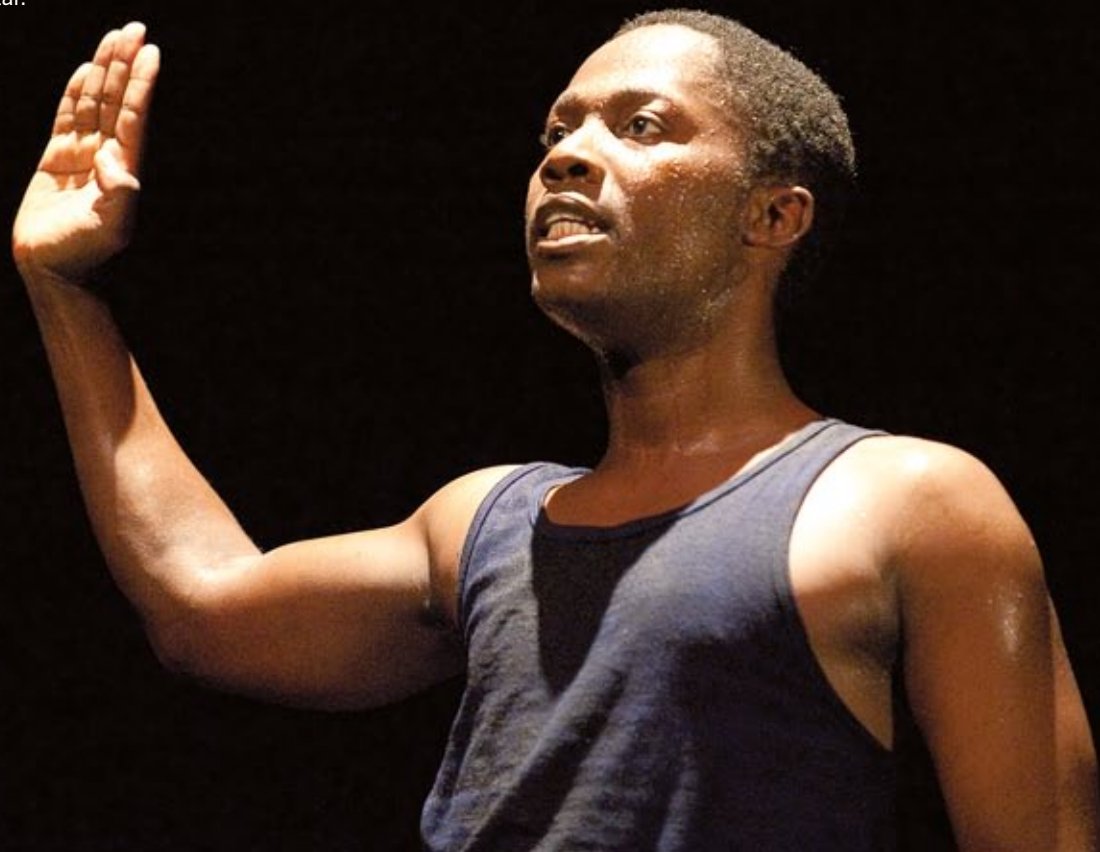
22, 23 JUNHO / JUNE 21:00 / 9 PM
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Coreografia e interpretação / Choreography and dance
PANAÍBRA GABRIEL CANDA (Moçambique / Mozambique)

“Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta” trata de explorar a crise de identidade, de desconstruir as representações culturais de um corpo ‘puro’ africano, em particular o corpo do moçambicano. Desde a independência, em 1975, Moçambique tem sido uma terra de transformações sociais e políticas, passou de um modelo inflexível comunista, abrindo-se gradualmente para uma frágil democracia. A performance explora essa noção de corpo africano de hoje: um corpo pós-colonial, um corpo plural que absorveu os ideais de nacionalismo, modernidade, socialismo e liberdade de expressão, o meu próprio corpo. O espetáculo conta com a participação de um guitarrista, que explora a música marrabenta, uma forma musical nascida na década de 1950, a partir de uma mistura de influências locais e europeias, em especial a guitarra portuguesa.

Coprodução / Co-production:
Sylt Quelle Cultural awards 2009 –
Goethe Institut Joanesburgo
Com o apoio de / With the support of:
Kunstenfestivaldesarts, Bates Festival,
Festival Panorama, VSArtsNM

“Time and Space: The Marrabenta Solos” explores a crisis of identity, deconstructs cultural representations of a “pure” African body, particularly the Mozambican body. Since snatching independence from Portugal in 1975, Mozambique has been a land of social and political rifts, which have seen an inflexible communist model gradually make way for a fragile democracy. The performance explores the idea of today’s African body: a post-colonial, plural body that has absorbed the ideals of nationalism, modernity, socialism and freedom of expression, my own body. The performance is accompanied by a guitarist, who explores the Marrabenta music, a musical form born in the 1950s from a mixture of local and European influences, in particular a Portuguese guitar.



CONCERTO / CONCERT

JAGWA MUSIC (Tanzânia / Tanzania)

28 JUNHO / JUNE 22:00 / 10 PM
ANFITEATRO AO AR LIVRE

Os Jagwa Music são os principais intérpretes do estilo *mchiriku*, que nasceu há vinte anos nos subúrbios pobres de Dar-es-Salaam, na altura em que os teclados baratos da Casio passaram a estar disponíveis e chamaram a atenção das bandas que tocavam música de dança *chakacha*. O que se passou a seguir é uma história semelhante, já familiar (como a de Konono Nº 1): os Jagwa Music, tal como os seus pares, foram imediatamente atraídos pelo som baixa fidelidade dos Casio e adotaram-no, ligaram-no a amplificadores e megafones vintage e o som daí resultante – enérgico, irascível e distorcido – recebeu o nome de *mchiruku*. Desde então, este novo estilo tem vindo a desenvolver-se na Tanzânia, embora tenha sido deliberadamente ignorado pelos *media*, dado que é associado a *uhuni* (comportamento violento) e à vida marginal da cidade.

Jagwa Music are the leading exponent of the Mchiriku style, which originated twenty years ago in the poor suburbs of Dar es Salaam, when cheap Casio keyboards became available, and drew the attention of bands who were playing Chakacha dance music. What happened next is reminiscent of other, by now familiar stories (like that of Konono No.1): Jagwa Music & their peers were immediately attracted by the Casio's lo-fi sound, adopted it, hooked it to vintage amps and megaphones, and the resulting gritty, edgy, distortion-laden sound was rechristened Mchiriku. This new style has been thriving ever since in Tanzania, although it's been deliberately ignored by the media, as it is associated with uhuni (thuggery) and the city's low life.



IRRESISTIBLE ROCKERS FROM TANZANIA

O vocalista principal deste incrível grupo, que está a inscrever os sons da África Oriental na consciência global, é um indivíduo fantástico, maravilhoso e descarado que tem uma aparência vagabunda e quase irreverente. A apoiá-lo, encontra-se um conjunto constituído sobretudo por percussionistas que tecem um tapete voador de ritmos, enquanto um miúdo toca as partes melódicas num pequeno teclado que me faz lembrar o que comprei para a minha filha quando ela tinha cinco anos. Os Irresistible Rockers têm o estilo de uma banda de rua, à semelhança das famosas bandas do Congo – mas, da forma como tocam, o papel de ovelha rnhosa que encarnavam está prestes a acabar. Tendo sido a última banda a atuar no Cosmopol no sábado à noite, levaram a multidão apinhada na tenda à loucura. O público não queria que a festa acabasse. Inigualável e simplesmente brilhante!

The lead singer of the incredible group which is establishing East African sounds in the global conscience, is a fantastic, wonderful and cheeky guy with a strolling, almost flippant appearance. And behind him is an ensemble, which mostly consists of percussionists, who weave a flying carpet of beats, while the melodic parts are performed by a kid with a small keyboard, which unmistakably resembles the one I bought for my daughter, when she was five. And I dare say that it moves. [...] They are a street style band like the more famous ones from Congo. But the way they kick ass, the role as the underdog is soon to end. And as the last band Saturday night on Cosmopol they made a packed tent go crazy. The audience did not want to let go of the party. Unequalled/brilliant, simply!

(Torben Holleufer, Gaffa)

DANÇA / DANCE

OROBROY, STOP!

29, 30 JUNHO / JUNE 21:00 / 9 PM
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPALConceito e coreografia / Idea and choreography
HORÁCIO MACUÁCUA (Moçambique / Mozambique)

© Cia, Horácio Macuácua

Orobroy significa 'pensamento' na língua dos nómadas ciganos, povo que no sul de Espanha criou a origem do Flamenco. Nesta expressão artística exprimem-se, através do corpo, da voz, da percussão dos sapatos e da guitarra, as emoções das profundezas do ser humano. "Orobroy, Stop!" é o resultado de uma recriação do Flamenco, da reconstrução de um horizonte artístico inédito. Os quatro intérpretes criadores, procedentes de contextos cénicos distintos, do tradicional ao moderno, do batuque à guitarra espanhola, do descalço ao calçado, da Europa à África, atravessam inquietudes intemporais, gerando um conceito contemporâneo singular. O coreógrafo Horácio Macuácua, motivado pelo encontro de duas bailarinas de diferentes origens e disciplinas, encontra a inspiração para a realização desta obra. Após várias experiências, o coreógrafo quis explorar o universo feminino de um ponto de vista intercultural. Quatro bailarinas caracterizadas por dois homens, uma mulher e uma estrutura de ferro e tecido expressam a origem evolutiva do ser humano, os seus conflitos, as suas dúvidas e os seus medos, através de movimentos preenchidos de força e gritos de instinto animal.

Orobroy means 'thought' in the language of the Gypsy nomads, the people in the south of Spain who created the origins of Flamenco. In this artistic expression, through the body, the voice, the percussiveness of the shoes and the guitar, the emotions of the depths of the human being are expressed. "Orobroy, Stop!" results from the recreation of Flamenco, the reconstruction of a previously unseen artistic horizon. The four dancers/creators, who come from different scenic backgrounds, from the traditional to the modern, from the batuque to the Spanish guitar, from the barefoot to those wearing shoes, from Europe to Africa, pass through timeless feelings of unease, generating a singular contemporary concept. The choreographer Horácio Macuácua, motivated by the encounter between two female dancers from different origins and disciplines, finds the inspiration to produce this work. After various attempts, the choreographer wished to explore the female universe from an intercultural viewpoint. Four female dancers characterised by two men, one woman and a structure made of iron and fabric express the evolutionary origin of human beings, their conflicts, doubts and fears, through movements filled with force and shouts denoting an animal instinct.



© Mauro Vombe

SMILE, IF YOU CAN!

Em "Smile if you can!", com direção artística de Horácio Macuácua, mantém-se a presença de dois dos bailarinos da última criação, Domingos Bié e Janeth Mulapha, que têm vindo a colaborar com a Cª Horácio Macuácua, há alguns anos, e juntaram-se ao grupo dois novos bailarinos, Osvaldo Passirivo e Pak Ndjamená, ambos com percursos que se cruzam nas danças tradicionais. Com a introdução destes dois elementos novos, a ideia é abrir espaço para um trabalho com novas linguagens e vocabulários de modo a se contagiarem uns aos outros e, ao mesmo tempo, evidenciarem contrastes através da história que cada corpo traz e que cada bailarino carrega. Assim, a Companhia pretende sempre renovar-se, sem se manter presa a uma só linguagem ou estilo, buscando e atendendo novos desafios.

Patrocínio / Sponsored by: Embaixada de Espanha em Moçambique
Apoios / Support: Centro Cultural Franco-Moçambicano e CNCD – Companhia Nacional de Canto e Dança



In "Smile if you can!", directed by Horácio Macuácua, two of the dancers Domingos Bié and Janeth Mulapha, who have been working with the Horácio Macuácua Company for some years now, continue on from the last creation, while the group is now joined by two new dancers, Osvaldo Passirivo and Pak Ndjamená, both of whom have been influenced by traditional dances. With the introduction of these two new dancers, the idea is to make room for a work with new languages and vocabularies so that they can inspire one another, and, at the same time, highlight certain contrasts through the history that each body brings and that each dancer carries with them. In this way, the Company is always seeking to renew itself, without being cramped by just one language or style, seeking out and paying attention to new challenges.

TEATRO MUSICAL / MUSICAL THEATRE

OUTRA HORA DA ESTRELA

29 JUNHO / JUNE 23:00 / 11 PM
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL - JARDIM DE INVERNODireção / Direction
EUCANAA FERRAZ
Narrador / Narrator
JOÃO MIGUEL
Cantora / Singer
JUSSARA SILVEIRA (Brasil / Brazil)

O espetáculo "Outra hora da estrela" adapta o livro de Clarice Lispector para o palco, reunindo literatura e canção. Alternam-se a voz do narrador – em trechos escolhidos do livro – e canções brasileiras que ajudam a recontar a história e criar a atmosfera clariceana em um dos textos mais envolventes da autora. "A hora da estrela" (1977) é um dos mais conhecidos livros de Clarice Lispector. Conta a história de Macabéa, migrante nordestina em luta pela sobrevivência na cidade grande e, a um só tempo, o drama de seu narrador – máscara ficcional de Clarice –, que luta com a escrita para conseguir retratar um personagem distante de sua realidade socioeconómica. Assim como o livro "Outra hora da estrela" oscila entre a compaixão por Macabéa, frágil, *gauche*, e a angústia do escritor às voltas com sua incompetência para transpor em palavras a vida dos miseráveis. Mas se há dor, há também humor e reviravoltas, como na relação entre Macabéa e seu namorado, o operário olímpico, nordestino como ela, rude e vaidoso, que a abandona para ficar com Glória, carioca, sensual e confiante.

Agradecimentos / Acknowledgments
Paulo Gurgel Valente, Editora Rocco



© Ailton Silva

The show "Another Hour of the Star" adapts the book by Clarice Lispector to the stage, bringing together literature and song. The voice of the narrator – reading selected passages from the book – alternates with Brazilian songs that help to recount the story and create the 'Claricean' atmosphere in one of the author's most compelling texts. "The Hour of the Star" (1977) is one of Clarice Lispector's best-known books. It tells the story of Macabéa, a migrant from the north-east of Brazil who struggles for survival in the big city and, at the same time, the drama of its narrator – Clarice's fictional mask – who struggles with writing to succeed

in portraying a character that is far removed from her own socio-economic reality. Thus, like the book, "Another Hour of the Star" oscillates between pity for the fragile, *gauche* Macabéa, and the writer's anguish in trying to overcome the inability to transpose into words the life of the poor and needy. But, while there is pain, there is also humour and sudden reversals of fortune, as in the relationship between Macabéa and her boyfriend, the Olympic worker, from the north-east like herself, rough and vain, who leaves her to stay with Glória, a sensual and confident girl from Rio de Janeiro.

Apoio / Support:

Leiaute

TEATRO-PERFORMANCE / THEATRE-PERFORMANCE

UMA HISTÓRIA À MARGEM

5 JULHO / JULY 23:30 / 11:30 PM

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL - JARDIM DE INVERNO

Autor e intérprete / Author and performance RICARDO CHACAL

Direção / Direction ALEX CASSAL
(Brasil / Brazil)

© Cafí

“Uma História à Margem” é um monólogo teatral que atravessa a história de Chacal e oferece um registro saboroso e intimista da efervescência cultural dos últimos 40 anos no Rio de Janeiro. Usando a memória como fio condutor, o espetáculo desdobra-se numa experiência cênica que transita entre o pessoal e o coletivo, a ficção e a realidade, o teatro e o documentário. O seu relato não é formalista ou acadêmico, não se trata de uma visão de

um jornalista, de um historiador ou de um ensaísta, mas de um poeta: sua originalidade está em colocar como protagonista, com a sua palavra poética e presença irreverente, um artista que viveu sempre 'dentro do olho do furacão'.

“A Marginal Story” is a theatrical monologue that follows the story of Chacal and offers us a tasty and intimate record of the cultural effervescence of the last 40 years in Rio de Janeiro. Using memory as its guiding thread, the performance develops into a scenic experience that flits between the personal and the collective, fiction and reality, theatre and documentary. His approach is neither formalistic

nor academic: it is not the vision of a journalist, historian or essayist, but the vision of a poet. His originality lies in the fact that, for the protagonist, with his poetic words and irreverent presence, he chooses an artist who has always lived 'in the eye of the hurricane'.

TEATRO / THEATRE

VELÓRIO CHILENO

5, 6 JULHO / JULY 22:00 / 10 PM

TEATRO DO BAIRRO

Encenador / Director
CRISTIÁN PLANA (Chile)

Para quem conhece mal a história do Chile ou para quem acha que os tempos de hoje devem ser tão ligeiros e vividos – tão velozmente quanto a informação que circula este trabalho de análise das narrativas sobre o período da ditadura de Pinochet, feito há anos por muitas companhias de teatro – até parece uma obsessão 'local', um problema 'deles', que vivem do outro lado da Cordilheira. E, contudo, estes trabalhos ajudam a alguma reconciliação, são instrumentos de análise do passado histórico que, tantas vezes, impediram o branqueamento de crimes e de factos atrozes e são ferramentas de análise do presente. Para que haja alguma paz, é fundamental este trabalho de encenação das questões da História. “Velório Chileno”, a partir de um texto de Sergio Vodanovic (1926–2001), dirigida por Cristián Plana, é uma peça sobre um episódio banal, de uma noite entre amigos que comemoram o Golpe de Estado de Pinochet, na noite de 11 de setembro de 1973. Assim se pode ver como o ressentimento motivado pela perda de 'posição de classe', pelo medo dos outros vizinhos desconhecidos, pela frustração conjugal, pela atração pelo poder e pelo autoritarismo, cria os cúmplices diretos desse mesmo autoritarismo. A sexualidade ou a frustração de não ser capaz de realizar toma, nesta peça, uma dimensão que muitos historiadores, por pudor ou incapacidade, poucas vezes associaram às manifestações deste tipo de ditaduras. E ela aqui está, de uma forma lucidamente analisada e contextualizada. A violência tem muitas formas e, neste campo, pode ser fascista também. Os atores são maravilhosos.



© Valentín Saldivar

For those who know little about the history of Chile or for those who think that modern times should be as light as possible and lived to the full, as fast as the information that circulates among us, this work that analyses the narratives about the period of Pinochet's dictatorship, made some years ago by many theatre companies, even appears to be a 'local' obsession, a problem of 'theirs', the ones who live on the other side of the mountains. And yet, these works help to promote some form of reconciliation. They are instruments used for analysing the historical past that so often prevented the cleansing of crimes and atrocious acts and they are also instruments that can be used for analysing the present. So that there can be some peace, this staging of the question of history is fundamental. “Chilean Wake”, based on a text by Sergio Vodanovic (1926–2001), and directed by Cristián Plana, is a play

about a banal episode, a night spent among friends who are commemorating the Coup d'État led by Pinochet, on the night of 11 September 1973. Like this, we can see how the resentment motivated by the loss of one's 'class position', by the fear of the other unknown neighbours, by marital frustration, by the attractions of power and authoritarianism, creates direct accomplices of that same authoritarianism. In this play, sexuality, or the frustration of not being able to express it, takes on a dimension that many historians, out of a sense of shame or through their own incapacity, have rarely associated with the manifestations of dictatorships of this type. And here it is, analysed and contextualised in a most lucid manner. Violence can have many different forms, and, in this field, it can also be fascist in nature. The actors are wonderful.

Apoio / Support:



CONCERTO / CONCERT

KONKOMA

(Gana, Reino Unido / Ghana, United Kingdom)

7 JULHO / JULY 19:00 / 7 PM

ANFITEATRO AO AR LIVRE



Enraizados no Gana da década de 1970, os Konkoma acrescentam um toque progressivo à sua rica mistura de afro-funk, jazz, soul e ritmos tradicionais africanos. O álbum de estreia, distribuído no início do ano pela Soundway Records, mereceu o aplauso do público pela sofisticada mistura de irresistíveis *grooves* e melodias recheadas de soul.

Rooted in 1970s Ghana, Konkoma adds a progressive edge to their rich blend of Afro-funk, jazz, soul and traditional African rhythms. Their debut album, released earlier this year through Soundway Records, won plaudits for its sophisticated mix of irresistible grooves and soulful melodies.

TEATRO / THEATRE

ÁFRICA FANTASMA II

7 JULHO / JULY 22:00 / 10 PM

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Encenador / Director
JOÃO SAMÕES (Portugal)

África transforma-se num lugar de representações imaginárias, um imenso território onde se idealizam todas as fantasias e fantasmas. Nesta peça de teatro são criadas e manipuladas realidades e turbulências do domínio do exótico e do erótico, interpenetram-se memórias e reflexões sobre o colonialismo e o racismo. O nome da peça remete para o diário africano de Michel Leiris, um exercício de escrita simbiótica de etnografia, psicanálise e surrealismo. O tempo revelará as marcas e os laços indissociáveis entre a expansão colonial e a construção da modernidade e da vanguarda artística na Europa. Podemos começar a nossa viagem com uma famosa tela de Picasso, de 1907, onde o pintor projeta o impacto e a influência do poder das máscaras africanas, que viu no esquecido Museu do Trocadéro, de Paris, nos corpos das mulheres de um bordel da Rua Avinyó, em Barcelona, rompendo com os cânones do realismo académico e revolucionando as possibilidades de representação do corpo na arte ocidental.

Apoios / Support:
Institut Français du Portugal,
Dupla Cena, São Luiz Teatro Municipal;
Coprodução / Co-production:
Próximo Futuro / Fundação Calouste
Gulbenkian



© João Samões

Africa is transformed into a place of imaginary representations, a huge territory in which all fantasies and ghosts can be idealised. In this play, realities and turbulences from the realm of the exotic and the erotic are created and manipulated; memories and reflections about colonialism and racism are mixed together. The name of the play turns our thoughts to the African diary of Michel Leiris, an exercise in the symbiotic writing of ethnography, psychoanalysis and surrealism. Time will reveal the marks and the unbreakable bonds

between colonial expansion and the construction of modernity and the artistic vanguard in Europe. We can begin our journey with a famous painting by Picasso, from 1907, in which the painter projects the impact and the influence of the power of the African masks that he saw at the forgotten Musée du Trocadéro, in Paris, onto the bodies of the women at a brothel in Calle Avinyó, in Barcelona, breaking with the canons of academic realism and revolutionising the possibilities of the body's representation in western art.

BIOGRAFIAS / BIOGRAPHIES

ALEX CASSAL

(Porto Alegre, 1967)

Diretor, dramaturgo, ator e historiador.

Nos anos 80, foi um dos fundadores do Movimento de Grupos de Teatro de Rua de Porto Alegre, nos quais contribuiu na busca de novas diretrizes para a arte em espaços públicos. A viver no Rio de Janeiro, desde 1996, colabora com artistas da cena contemporânea, como Felipe Rocha, Dani Lima, Alice Ripoll e o encenador português Tiago Rodrigues. Com Felipe Rocha, é fundador e diretor dos Foguetes Maravilha, nos espetáculos “Ninguém falou que seria fácil” (prêmios SHELL, APTR e Questão de Crítica na categoria texto), “Ele precisa começar” e “2histórias”. Realizou o vídeo “Jornada ao Umbigo do Mundo”, já exibido em muitos cinemas e festivais.

A director, playwright, actor and historian. In the 1980s, he was one of the founders of the Movement of Street Theatre Groups in Porto Alegre, to which he contributed by searching for new guidelines for art in public spaces. He has lived in Rio de Janeiro, since 1996, where he collaborates with contemporary artists, such as Felipe Rocha, Dani Lima, Alice Ripoll and the Portuguese stage director Tiago Rodrigues. With Felipe Rocha, he is the founder and director of Foguetes Maravilha, taking part in the shows “Ninguém falou que seria fácil” (the winner of the SHELL, APTR and Questão de Crítica prizes in the text category), “Ele precisa começar” and “2histórias”. He directed the video “Jornada ao Umbigo do Mundo”, which has already been shown in many cinemas and festivals.

CATARINA BRANCO

(São Miguel, Açores / Azores, 1974)

Viveu a sua infância e adolescência nos Fenais da Luz, freguesia rural do Concelho de Ponta Delgada, circunstância que tem influenciado o seu trabalho de criação artística. Em 2000 terminou a Licenciatura em Pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Desde aí tem apresentado os seus projetos em exposições individuais e coletivas, sendo o seu material privilegiado o papel, nomeadamente, o papel recortado.

She grew up at Fenais da Luz, a rural village, on the north coast of São Miguel, circumstance that has influenced her artistic work. She has a degree in Fine Arts from Faculty of Fine Arts, Lisbon University. Since 2000, Catarina has participated in different solo and group exhibitions, using the paper cutting as a privileged resource.

CATARINA PINTO

(Portugal, 1979)

Licenciada em Arquitetura, funda o Terrapalha (2008), um estúdio de arquitetura onde explora a construção lenta, cooperativa e artesanal, com materiais naturais, abundantes e locais. O seu trabalho está registado em muitos manifestos, fotos, redes sociais e imprensa. Em viagem desde os anos 90, teve a oportunidade de conhecer muitas culturas, criar e construir em diversos contextos e enriquecer de forma profunda e abrangente o seu

In 2008 he staged “Partido”, an adaptation of a piece by Thomas Bernhard that made the playbill for the following year’s Santiago a Mil Festival, in the category of emerging theatre. His next work was another Bernhard adaptation, “Comida Alemana”, which was performed at the same festival in 2010. Plana’s style in these adaptations has won a reputation for relocating the original stories in roughly contemporary Chile, and creating stifling atmospheres with the help of one of the most influential young set designers in the country today, Rocío Hernández.

EUCANAÃ FERRAZ

(Brasil / Brazi, 1961)

Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro é, desde 2010, consultor de literatura do Instituto Moreira Salles. Organizou dois livros de Caetano Veloso, “Letra só” (2003) e “O mundo não é chato” (2005) e reuniu poemas e letras de música na antologia “Veneno AntiMonotonia” (2005). Após preparar a “Poesia completa e prosa”, de Vinicius de Moraes (2004), passou a coordenar a edição das obras deste compositor. Poeta, publicou, entre outros, “Desassombro” (2002 – Prémio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional), “Rua do mundo” (2004), “Cinemateca” (2008) e, para o público infanto-juvenil “Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos” (2009) e “Palhaço, macaco, passarinho” (Prémio Ofélia Fontes, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 2011).

Eucanaã Ferraz teaches Brazilian Literature at the Federal University of Rio de Janeiro – UFRJ. Since 2010, he has been a literary consultant to the Moreira Salles Institute, where he prepares the whole programme relating to publications, exhibitions, debates, courses and shows. Among other publications, he has organised two books by Caetano Veloso, “Letra só” (2003) and “O mundo não é chato” (2005), as well as collecting poems and song lyrics for the anthology entitled “Veneno AntiMonotonia” (2005). After preparing the book “Poesia completa e prosa”, by Vinicius de Moraes (2004), he became responsible for coordinating the publication of this composer’s works. As a poet himself, he has published the following collections, among others, “Desassombro” (2002 – which won the Alphonsus de Guimaraens Prize, awarded by the Fundação Biblioteca Nacional, for the best book of poetry), “Rua do mundo” (2004), “Cinemateca” (2008) and, for children and young people, the collection “Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos” (2009) and “Palhaço, macaco, passarinho” (the winner of the Ofélia Fontes Prize, awarded by the Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, for the best children’s book of 2011).

FÁTIMA MENDONÇA

(Portugal, 1964)

Vive e trabalha em Lisboa. Estudou Pintura na Escola Superior de Belas-Artes, em Lisboa. Desde 1991, realizou as exposições individuais “Auto-retratos com dedicação e afecto, da Fátima” (Galeria 111, Lisboa, 2007) e “Assim... Assim... para gostares mais de mim” (Culturgest, Lisboa, 2005). Desde 1989, participou nas exposições coletivas “À Volta do Papel – 100 Artistas”

(Centro de Arte Manuel de Brito, Algés, 2008), “Arte Contemporânea – Novas Aquisições” (Culturgest, Lisboa, 2002), “Obra” (Culturgest, 2005 e Galeria Schultz Contemporary, Berlim, 2012) e “Obras de Acervo” (Museu de Serralves, Porto, 2013). A sua obra encontra-se representada em coleções públicas e privadas, tais como a Fundação de Serralves (Porto) e a Coleção da Caixa Geral de Depósitos (Lisboa). Fátima Mendonça lives and works in Lisbon. She studied Painting at the Lisbon Higher School of Fine Arts. Since 1991, she has held the solo exhibitions entitled “Auto-retratos com dedicação e afecto, da Fátima” (Galeria 111, Lisbon, 2007) and “Assim... Assim... para gostares mais de mim” (Culturgest, Lisbon, 2005), and, since 1989, she has participated in the group exhibitions “À Volta do Papel – 100 Artistas” (Centro de Arte Manuel de Brito, Algés, 2008), “Arte Contemporânea – Novas Aquisições” (Culturgest, Lisbon, 2002), “Obra” (Culturgest, 2005 and Galerie Schultz Contemporary, Berlin, 2012) and “Obras de Acervo” (Museu de Serralves, Oporto, 2013). Her work is to be found in a number of public and private collections, such as Fundação de Serralves (Oporto) and the Caixa Geral de Depósitos Collection (Lisbon).

HORÁCIO MACUÁCUA

(Moçambique / Mozambique, 1979)

Bailarino e coreógrafo, começou a sua carreira em 1996. É membro fundador da Companhia de Dança CulturArte, criada em 1999, uma das primeiras companhias de Dança em Moçambique. Trabalhou com os coreógrafos internacionais Frans Poelstra, Marcelo Evelin, Sello Peza, George Khumalo, Mark Tompkins e Boris Charmatz. Como docente, lecionou em Moçambique, Bélgica, Holanda, Espanha, Brasil, França e Portugal. Criou “Orobroy, Stop!” para a 3ª edição do Kinani – Plataforma de Dança Contemporânea de Maputo (2009), espetáculo que recebeu o Grande Prémio PUMA Creative e o 1º lugar no concurso Danse L’Afrique Danse – Encontros coreográficos de África e Oceano Índico, Bamako/Mali, 2010.

Horácio Macuácuá began his career as a dancer and choreographer in 1996. He is a founding member of the Companhia de Dança CulturArte, created in 1999 and one of the first dance companies to be formed in Mozambique. Had work with choreographers such as Frans Poelstra, Marcelo Evelin, Sello Peza, George Khumalo, Mark Tompkins and Boris Charmatz. He has also enjoyed a lengthy teaching career, having already taught at the most highly regarded schools in Mozambique, Belgium, Holland, Spain, Brazil, France and Portugal. He created “Orobroy, Stop!” for the 3ª edition of Kinani – the Maputo Contemporary Dance Platform (2009), a show that received the “PUMA Creative” Grand Prize and was awarded first place in the competition Danse L’Afrique Danse – African and Indian Ocean Choreographic Encounters, Bamako/Mali, 2010.

JOÃO SAMÕES

(Portugal, 1970)

Encenador, performer, pintor. Estudou Antropologia e Artes Performativas em Lisboa e Nova Iorque. Criou as peças de teatro, dança e performance “18 Minutos” (2000), “Zonas de Ruidosa Influência” (2004), “O Labirinto a Morte e o Público” (2007),

“Blackout” (2008), “África Fantasma” (2010) e “África Fantasma II” (2013). A stage director, performer and painter. He studied Anthropology and Performing Arts in Lisbon and New York. He created the theatre plays, dances and performances “18 Minutos” (2000), “Zonas de Ruidosa Influência” (2004), “O Labirinto a Morte e o Público” (2007), “Blackout” (2008), “África Fantasma” (2010) and “África Fantasma II” (2013).

JORGE DOMINGOS

(Moçambique / Mozambique, 1963)

Nascido em Maputo, faz parte da geração de músicos que emigrou para a África do Sul, durante a guerra civil travada em Moçambique, na década de 1980. Começou a sua carreira artística na guitarra-baixo, tendo posteriormente passado para a viola. Em 1995, juntou-se ao projeto a solo de Gito Baloi, tendo participado tanto nas digressões internacionais como no álbum “Nakurandza”, como guitarrista solo, sob o nome artístico de George Sunday. Após o falecimento de Gito Baloi, em 2004, Jorge Domingos regressou a Moçambique e, com o apoio de Chico António e de Jorge Gove, integrou-se na cena musical. Em 2007, tocou com a banda de Chico António em França, no Francophonie Festival; em 2008, gravou o seu primeiro DVD, “Marrabenta Rio” e, em 2010, foi convidado a juntar-se ao coreógrafo e bailarino Panaíbra Gabriel Canda, como compositor e instrumentista no espetáculo “Os Solos da Marrabenta”. A sua música sofre influências do rock e da marrabenta, uma paixão incentivada pelo seu pai, João Domingos, um cantor de marrabenta da década de 1980, e foi a partir destas influências que o artista criou, e continua a desenvolver, o estilo marrabenta-rock.

Jorge Domingos born in Maputo, who is part of the generation of musicians who emigrated to South Africa during the civil war in Mozambique in the 1980s. Jorge started his artistic career on bass guitar then moved to guitar and in 1995 joined with Gito Baloi’s solo project, playing on international tours and on Gito’s album, Nakurandza, as solo guitarist under the artistic name, “George Sunday”. After the death of Gito Baloi in 2004, Jorge moved back to Mozambique and with the help of Chico António and Jorge Gove integrated into the music scene. In 2007 Jorge played with Chico’s band at the Francophonie Festival in France; in 2008 Jorge recorded his first DVD, Marrabenta Rio; and in 2010 he was invited to join choreographer and dancer Panaíbra Gabriel Canda as instrumentalist and performer on “Os Solos da Marrabenta”. As a musician Jorge is influenced by rock and marrabenta, a passion his father João Domingos encouraged as a marrabenta singer in the 80s. From these influences Jorge created a marrabenta-rock style that he continues to develop and explore.

LAURA SERANI

(Itália / Italy, 1955)

Codirectora artística dos 8º e 9º Encontros de Bamako, vive em Paris. Curadora de exposições internacionais e de projetos na área do audiovisual e da edição, com uma carreira repleta de colaborações (Encontros de Arles, PhotoEspana, Bienal de Moscovo,

Maison Européenne de la Photographie), foi a comissária artística do Mois de la Photo de Paris, em 2008, e também a diretora, em 2007 e 2008, do SiFest em Itália. De 1985 a 2006, foi diretora da Collection Photo FNAC e das galerias de fotografia da FNAC, tanto em França como a nível internacional. Trabalha com várias editoras e participou em inúmeras publicações, entre as quais “La Photographie entre histoire et poésie”, “Istanbul”, de Ara Güler, e “La vie en rose”, de Malick Sidibé.

Laura Serani, Italian artistic co-director of the 8th and 9th Bamako Encounters, lives in Paris. An international exhibit, audiovisual and editorial-writing projects curator with a career filled with collaborations (Arles Encounters, PhotoEspana, the Moscow Biennial, Maison Européenne de la Photgraphie), Laura Serani was the artistic delegate of Photo Month in Paris in 2008, and director of the SiFest in Italy in 2007 and 2008. Between 1985 and 2006, she was Head of the Photography Collection of Fnac and Fnac Photo Galleries in France and internationally. She works with several publishing houses and writes numerous publications along with “La photographie entre histoire et poésie”, “Istanbul”, d’Ara Güler, “La vie en rose”, by Malick Sidibé.

LUÍS NOBRE

(Portugal, 1971)

Licenciado em Artes Plásticas pela Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha, está, atualmente, a fazer o doutoramento em Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Expõe individualmente desde 1996 e fez residências artísticas na Location (Nova Iorque, EUA, 2008) e na Spike Island (Bristol, Inglaterra, 2005). Trabalha principalmente com desenho, pintura e instalação. He has a degree in Fine Arts from Escola Superior de Arte e Design of Caldas da Rainha and he is actually attending a PhD in Drawing by the Faculty of Fine Arts of Lisbon University. He does solo exhibitions since 1996 and did artistic residencies at Location (New York, USA, 2008) and at Spike Island (Bristol, England, 2005). He works mainly with drawing, painting and installation.

MICKKET KRIFA

(Tunísia / Tunisia, 1960)

Codirectora artística dos 8º e 9º Encontros de Bamako, vive e trabalha em Paris. Curadora independente de artes visuais no Médio Oriente e em África, a sua sensibilidade levou-a a organizar, em várias ocasiões, exposições temáticas no Irão, na Tunísia e na Argélia, em que se incluem diversas exposições sobre a condição feminina. Foi igualmente responsável por exposições coletivas e monografias, sobretudo com os trabalhos de Youssef Nabil, Zineb Sedira, Abbas, Jellel Gastelli, Jananne Al Ani e Shadi Ghadirian. É autora de vários artigos, ensaios e trabalhos sobre a fotografia e as artes visuais, colaborando com muitas conhecidas instituições e eventos, aos níveis europeu e mundial.

Michket Krifa é também diretora artística e editorial de livros sobre fotografia. Michket Krifa, artistic co-director of the 8th and 9th Bamako Encounters, lives and works in Paris. An independent visual-arts curator in the Middle East and Africa, her sensitivity led her on several occasions to

organize themed exhibitions on Iran, Tunisia and Algeria, including many exhibitions on representation and women issues. Michket Krifa has also been responsible for collective and monographic exhibitions, in particular featuring the works of Youssef Nabil, Zineb Sedira, Abbas, Jellel Gastelli, Jananne Al Ani and Shadi Ghadirian. She is the author of several articles, essays and works on photography and the visual arts; she collaborates with many well-known institutions and events in Europe and around the World. Michket Krifa is the editorial and artistic director of books on photography.

NICHOLAS HLOBO

(África do Sul / South Africa, 1975)

Nascido na Cidade do Cabo e a viver em Joanesburgo, concluiu a licenciatura em Tecnologia de Arquitetura na, Wits Technikon (2002). Com exposições individuais no Museu Nacional de Arte, Arquitetura e Design de Oslo (2011), na Level 2 Gallery no Tate Modern (Londres, 2008) e no Instituto de Arte Contemporânea de Boston, como parte de “Momentum Series” (2008), entre outras instituições. Participou igualmente em várias exposições coletivas, nomeadamente a 18ª Bienal de Sydney, com “All Our Relations” (2012), a Trienal do Palais de Tokyo, em Paris, com “Intense Proximity”, (2012), a 54ª Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza, com “ILLUMinations” (2011), no Palazzo Grassi, em Veneza (2011), com “The World Belongs to You”, a Bienal de Liverpool, com “Touched”, (2010), a 3ª Trienal de Guangzhou, na China (2008) e, no Studio Museum em Harlem (2008), com “Flow”. Nicholas Hlobo foi um dos acolhidos no programa Rolex Visual Arts Protégé, em 2010/2011, tendo tido Anish Kapoor como mentor.

He was born in Cape Town and lives in Johannesburg. He has a B Tech degree from the Wits Technikon, Johannesburg (2002). Solo exhibitions have taken place at the National Museum of Art, Architecture and Design, Oslo (2011); in the Level 2 Gallery at Tate Modern, London (2008), and at the Boston ICA as part of the “Momentum series” (2008), among other institutions. Notable group exhibitions include the 18th Biennale of Sydney, “all our relations” (2012), La Triennale – “Intense Proximity”, at the Palais de Tokyo, Paris (2012), “ILLUMinations”, the 54th International Art Exhibition of the Venice Biennale (2011), “The World Belongs to You”, Palazzo Grassi (2011), “Touched”, the Liverpool Biennial (2010), the third Guangzhou Triennial, China (2008) and “Flow” at the Studio Museum in Harlem (2008). He was the Rolex Visual Arts Protégé for 2010/11, working with Anish Kapoor as his Mentor.

PANAÍBRA GABRIEL CANDA

(Moçambique / Mozambique, 1976)

Nascido em Maputo, recebeu formação artística em teatro, música e dança, tendo tido formação adicional em dança contemporânea em Lisboa, no festival Danças na Cidade. Tendo começado a desenvolver os seus projetos em 1993, criou a CulturArte, em 1998, e tem vindo a implementar inúmeros projetos artísticos, nos quais se incluem criações, *showcases* e projetos de formação, com o objetivo de incentivar o desenvolvimento da dança em Maputo.

Colabora com artistas da África Austral e da Europa, como também com artistas de outras áreas. Os seus trabalhos já foram apresentados também na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina e, alguns deles, foram galardoados nos Encontros Coreográficos Africanos de Paris (2006), em Zurique (ZKB-Zürcher Kantonalbank Patronage Prize, 2009) e na África do Sul (Sylt Quelle Award para a África do Sul 2009, um prémio de incentivo cultural atribuído pela Alemanha). Panaíbra Canda, was born in Maputo, had artistic training in theatre, music and dance. He received additional training in contemporary dance Lisbon among Danças Na Cidade. He started to develop his artistic projects since 1993. In 1998 he created CulturArte, and been developing many artistic projects, including creations, showcases and training projects to encourage a local dance scene development. He also develops collaboration with artists in southern Africa and Europe, as well collaborating with artists of other disciplines. His work has been presented in Africa, Europe, USA and Latin America. Some of his works were awarded in Paris at African choreographic meeting in Paris/France 2006, Zurich 2008 a ZKB Patronage Prize in Zurich, and the Sylt Quelle Cultural Award for Southern Africa 2009, a Germany encouraging cultural prize.

RICARDO DE CARVALHO DUARTE - CHACAL

(Brasil / Brazil, 1951)

Poeta, escritor, performer e produtor cultural. Em 41 anos de carreira, participou em oito antologias e tem 14 livros publicados, tendo sido premiado, em 2008, pela APCA por “Belverdere” (Cosacnaify e 7 Letras). Foi editor e colaborador em vários órgãos de comunicação social e roteirista na TV Globo e na TV Educativa. Tem parcerias musicais com nomes famosos da MPB e do Rock. Em teatro, trabalhou como autor nas peças “AQUELA Coisa Toda”, do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, “Alguns Anos Luz Além”, do grupo Lua me dá Colo, “Recordações do Futuro”, do grupo Manhas & Manias, e “Tontas Coisas”, direção de Jaqueline Lawrence. Atuou em “Café Satie”, direção de Stela Miranda, e no espetáculo “A vida é curta pra ser pequena”, criado a partir do seu livro homónimo de poemas.

A poet, writer, performer and cultural producer. In a career spanning 41 years, Ricardo de Carvalho Duarte has participated in eight anthologies and has already published 14 books. In 2008, he was awarded a prize by APCA for “Belverdere” (Cosacnaify and 7 Letras). He has been an editor and collaborator in various media and a scriptwriter for TV Globo and TV Educativa. He has formed musical partnerships with famous names from MPB and Rock. In the theatre, he worked as an author on the plays “AQUELA Coisa Toda”, by the group Asdrúbal Trouxe o Trombone, “Alguns Anos Luz Além”, by the group Lua me dá Colo, “Recordações do Futuro”, by the group Manhas & Manias, and “Tontas Coisas”, directed by Jaqueline Lawrence. He acted in “Café Satie”, directed by Stela Miranda, and in the show “A vida é curta pra ser pequena”, based on his own book of poems with the same name.

BILHETEIRA / TICKET OFFICE
INFORMAÇÕES / INFORMATION

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Avenida de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa
segunda a sábado 10:00 – 19:00 / Monday – Saturday 10 am – 7 pm
Tel. (+351) 217 823 700
www.bilheteira.gulbenkian.pt
e uma hora antes do início dos espetáculos.
and one hour before the start of evening performances.

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

Rua Dr. Nicolau de Bettencourt – 1050-078 Lisboa
terça a domingo 10:00 – 18:00 / Tuesday – Sunday 10 am – 6 pm
Tel. (+351) 217 823 474/83
e uma hora antes do início dos espetáculos.
and one hour before the start of evening performances.

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Rua António Maria Cardoso, 38 – 1200-027 Lisboa
todos os dias 13:00 – 20:00 / everyday 1 pm – 8 pm
Tel. (+351) 213 257 650
www.teatrosaoluiz.pt
em dias de espetáculo, encerra 30 min. após o início do mesmo.
on performance days, it closes 30 min. after the show starts.

TEATRO DO BAIRRO

Rua Luz Soriano, 63 – 1950-013 Lisboa
Tel. (+351) 213 473 358 / 913 211 263
www.teatrodobairro.org
terça a sexta 16:00 – 20:00 / Tuesday – Friday 4 pm – 8 pm
e uma hora antes do início dos espetáculos.
and one hour before the start of evening performances.

PASSE / SUBSCRIPTION

Estará à venda, nas bilheteiras da Fundação Calouste Gulbenkian, de 10 de maio a 21 de junho, um Passe, no valor de 49,00€ (equivalente a um desconto de 60%), que inclui um bilhete para cada espetáculo do Programa “Próximo Futuro”.

Between May 10 and June 21, you can purchase, at the Calouste Gulbenkian Foundation ticket office, a subscription for 49,00€ (equivalent to a 60% discount), which includes one ticket for each event of the “Next Future” Program.

Bilhetes avulsos / Single tickets
À venda nas bilheteiras da Fundação ou através do site (nas compras online apenas será necessário imprimir o bilhete em formato PDF e apresentá-lo à entrada da sala). Uma hora antes do início de cada espetáculo, só serão vendidos bilhetes para o próprio dia. Os bilhetes avulso para os espetáculos que decorrem no São Luiz Teatro Municipal e no Teatro do Bairro são comprados nas respetivas bilheteiras e sujeitos aos descontos habitualmente praticados nos próprios teatros.

Available at the Foundation Ticket office or in our website (in online purchases you are only required to print the ticket in PDF and show it at the entry). One hour before the beginning of each event, only tickets for that day are sold.
Single tickets for events that take place at São Luiz Municipal Theatre and Teatro do Bairro are purchased at each respective ticket office and subject to the discounts usually offered by each theatre.

DESCONTOS / DISCOUNTS

Fundação Calouste Gulbenkian
Desconto de 30% – Maiores de 65 anos / Discount of 30% – over 65 years old
Desconto de 50% – Jovens até aos 25 anos / Discount of 50% – People aged under 25 years old
Sessões de Cinema – Preço fixo / Film sessions – fixed price
Concertos no Anfiteatro ao Ar livre – entrada gratuita até aos 10 anos / Concerts at the Open Air Amphitheatre – free for children under 10 years old

São Luiz Teatro Municipal
Desconto de 50% – Menores de 30 anos, maiores de 65 anos, estudantes, desempregados, pessoas com deficiência e acompanhante, profissionais do espetáculo / Discount of 50% – Under 30 years old, over 65 years old, students, unemployed, people with disability and accompanying person, arts professionals
Desconto de 30% – Grupos de 10 pessoas ou mais / Discount of 30% – groups with 10 people or more

Teatro do Bairro
Desconto de 40% – Jovens até aos 25 anos e maiores de 65 anos / Discount of 40% – People aged under 25 years old and over 65 years old
Desconto de 60% – profissionais do espetáculo / Discount of 60% – arts professionals

Descontos não acumuláveis / Discounts not cumulative

INFORMAÇÕES / INFORMATION

Fundação Calouste Gulbenkian
proximofuturo@gulbenkian.pt
Tel. (+351) 217 823 529
www.proximofuturo.gulbenkian.pt

Programa sujeito a alterações
This programme may be changed without prior notice

debates FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO DO SUL DA ÁFRICA FESTIVAL OF LITERATURE AND THOUGHT OF SOUTH OF AFRICA	21.06 - 19h / 7 pm 22.06 - 18h / 6 pm 23.06 - 16h e 18h / 4 pm and 6 pm	CABANA JARDIM GULBENKIAN	entrada livre free entrance
exposição de fotografia / photography exhibition 9ª EDIÇÃO DOS ENCONTROS DE FOTOGRAFIA DE BAMAKO / 9 th EDITION OF BAMAKO PHOTOGRAPHY ENCOUNTERS	22.06 - 01.09 terça a domingo, 10h - 18h Tuesday to Sunday, 10 am - 6 pm	GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS, EDIFÍCIO SEDE	€4
exposição de fotografia / photography exhibition PRESENT TENSE		GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS, EDIFÍCIO SEDE - PISO 01	
baile / garage ball BAILE NA GARAGEM DJ RUI MIGUEL ABREU+ ANALOG AFRICA SOUNDSYSTEM	21.06 24h / 12 pm	GARAGEM	Entrada por convite Entry by invitation
dança / dance TEMPO E ESPAÇO: OS SOLOS DA MARRABENTA	22, 23.06 21h / 9 pm	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL	€15
cinema CINEMATECA PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE CINEMATHEQUE	24, 25, 26, 27.06 01, 02, 03, 04.07 22h / 10 pm	ANFITEATRO AO AR LIVRE	€3
concerto / concert JAGWA MUSIC	28.06 22h / 10 pm	ANFITEATRO AO AR LIVRE	€12
dança / dance OROBROY, STOP! + SMILE IF YOU CAN!	29, 30.06 21h / 9 pm	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL	€15
teatro musical / musical theatre OUTRA HORA DA ESTRELA	29.06 23h / 11 pm	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL JARDIM DE INVERNO	€7
teatro-performance / theatre performance UMA HISTÓRIA À MARGEM	05.07 23h30 / 11:30 pm	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL JARDIM DE INVERNO	€7
teatro / theatre VELÓRIO CHILENO	05, 06.07 22h / 10 pm	TEATRO DO BAIRRO	€15
concerto / concert KONKOMA	07.07 19h / 7 pm	ANFITEATRO AO AR LIVRE	€12
teatro / theatre AFRICA FANTASMA II	07.07 22h / 10 pm	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL	€15

Espectáculos de teatro e sessões de cinema para maiores de 12 anos
Espectáculos de música e dança para maiores de 4 anos
Theatre performances and film sessions open to people aged 12
Music performances and dance open to people aged over 4

Nº 13

JUNHO / JULHO

JUNE / JULY

2013

PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e à criação na Europa, em África, na América Latina e nas Caraíbas.

Next Future is a Gulbenkian Program of Contemporary Culture dedicated in particular, but not exclusively, to research and creation in Europe, Africa, Latin America and the Caribbean.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN